

Era uma vez Ricarda

Gabriela Silveira Reis

Nícia Raies Moreira de Souza

Ricarda Maria Gonçalves da Costa



Era uma vez Ricarda

Gabriela Silveira Reis

Nícia Raies Moreira de Souza

Ricarda Maria Gonçalves da Costa

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte

Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Era uma vez, num reino nada distante, sem reis e sem rainhas, uma mulher que um dia foi criança. E, quando era criança, Ricarda trabalhava ajudando seus pais.

– Quem não trabalha, não come! Então, pra fazer jus ao seu almoço, você tem que ter desenvolvido a tarefa que eu te dei – dizia seu pai, com muito carinho. Satisfeita por ter a confiança dos seus pais, Ricarda adorava suas pequenas responsabilidades, como cuidar da horta. Tirava matinhos indesejados que estavam no meio das verduras e as molhava. Cuidava da terra e das coisinhas que dali colhia, para depois comer.

E mesmo que no reino onde Ricarda cresceu não tivessem fadas e rainhas, ela sonhava com um sapatinho de princesa... Como tinha paixão por aquele Luís XV! Mas, espera aí! Não se engane. Ela gostava do sapatinho, mas não gostava da nobreza! É que aquele sapatinho era um presente que todas as suas irmãs já haviam ganhado, quando completaram 14 anos. Era um presente de aniversário, que marcava, na sua casa, o crescimento da menina.

A aniversariante fazia um bolo, nem que fosse pequenininho, e ganhava o sapato.

Enquanto crescia, nessa terra sem castelos e ostentação, Ricarda aprendeu a trabalhar, a cozinhar, a passar e lavar roupas, a costurar, além de ajudar em serviços de roça. Ela era uma criança que trabalhava, mas que trabalhava cuidando das coisinhas de sua casa e de sua família. O trabalho, por isso, era também um ato de amor.

Certa noite, o pai de Ricarda explicou pra família que a vida, naquele reino de roças e hortas, verduras frescas e ar puro, infelizmente, estava muito difícil. Apesar da terra oferecer alimentos, eles não eram o suficiente. Então, dias depois, ela deixou o campo com seus pais e irmãos e mudou-se pra São Paulo. Viu como o reino onde ela cresceu não era tão longe?!

Quando Ricarda chegou nessa nova cidade, tão grande e diferente, ela começou a trabalhar de verdade, que nem gente grande, porque precisava ajudar a família a pagar aluguel e comprar comida. A realidade, agora, era outra. Na sua nova casa, eles não plantavam mais para ter a comida.

E Ricarda teve vários trabalhos. Trabalhou como babá de uma criança – um neném alemão. Ela lavava roupas, passava pano, guardava louças. Trabalhou também em uma metalúrgica. Vendeu enciclopédias, costurou roupas para vender para colegas, foi dona de um restaurante... Se tem uma coisa que Ricarda fez, foi trabalhar demais!

Na metalúrgica, ela fazia de tudo, mas o que era mais prazeroso era ficar escrevendo. Na época do êxodo rural¹, quem chegava do interior para trabalhar nas empresas da cidade grande não sabia ler e escrever. Eles precisavam de ajuda e era Ricarda quem ajudava. Como ela era inteligente e companheira!

Mas, não se engane, nem tudo naquelas empresas era tão bom de fazer. Lá, também tinha serviços ruins e perigosos. A maior parte das suas amigas de trabalho, meninas da mesma idade que ela, se machucaram, numa máquina muito difícil de mexer... A prensa.

É, essa realidade nova, nesse reino novo, era muito difícil. Os adultos e as crianças trabalhavam muito,

¹O êxodo rural é a migração em massa do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida.

muito mesmo. As fábricas engoliam as pessoas às 6h da manhã e as vomitavam, depois do pôr do sol.

Então, Ricarda, que era muito inteligente, começou a pensar, a pensar e a pensar... “– Por que o mundo é assim?” Ela não entendia por que ela, sua família e seus colegas trabalhavam tanto e não ganhavam quase nada. Pra quem ia aquele dinheiro das coisas vendidas pelas empresas em que trabalhavam? Era o lucro! Para Ricarda, aquele lucro tinha que ser dividido com ela e seus companheiros!

De menina que sonhava com um sapatinho Luís XV, Ricarda cresceu e se tornou uma garota rebelde, que via o que estava errado no mundo e lutava para mudar. Pois é, a rebeldia não é um capricho: é um desejo forte de mudança daqueles que não se conformam com as desigualdades!

E assim foi Ricarda pelo mundo. Se informando, estudando, correndo atrás de seus sonhos e conhecimento! Voltou para a escola e fez cursos:

– Eu quero estudar!

Eu vou tomar posse de conhecimento!

Mas nem sempre foi fácil. Nessa história que não é um conto de fadas, não havia dragões, nem bruxas, mas tinha outros perigos! Às vezes, seu pai precisava buscá-la no ponto de ônibus, que era longe de sua casa, num lugar escuro. Na periferia onde morava, não tinha luz em todas as ruas e elas não eram asfaltadas. Quantas vezes, nos dias de chuva, ela caiu com seu pai, guarda-chuva e tudo, nas poças de lama!

Um dia, por causa das coisas que ela estava aprendendo na escola e das conversas que tinha com os colegas de trabalho, os chefes da empresa em que ela trabalhava começaram a ficar preocupados:

– E se ela transformar todos em rebeldes?! Isso é um perigo: todos vão querer salários mais justos, todos vão querer receber pelas horas extras trabalhadas! E os nossos lucros? Ah, nossos lucros vão diminuir! – Diziam aqueles homens, sentados em suas mesas grandes.

Então, ela foi demitida... Desse trabalho e de todos os outros, quando ousou mostrar que era uma garota bem informada. E um dia, precisando muito de um trabalho, Ricarda andou, andou, andou e pediu emprego em 10 empresas de metalurgia diferentes, mas não conseguiu trabalho nenhum.

Mas não fique com dó! Nada abalava Ricarda! Essa garota era forte e, se aparecia uma adversidade, ela logo a transformava em oportunidade. Lembra que Ricarda trabalhou com muitas coisas diferentes?!

E, se a história dela não era de princesa antes, ficou menos ainda no dia que ela foi ao teatro, assistir ao balé. Sem dinheiro nem roupas para participar daquele espetáculo que era muito lindo, mas também muito caro, Ricarda bem quis que houvesse fadas para lhe ajudar, como a fada que ajudou a Cinderela. Como fada nenhuma apareceu e como Ricarda não se conformava com a desigualdade que há no mundo, correu atrás de um concurso de ingressos, que a rádio da cidade ofereceu. Ganhou, assim, os ingressos e pegou roupas emprestadas com a chefe de seu pai. Ricarda assistiu ao espetáculo, chocada que sua roupa era na verdade a pele de um bichinho inocente.

– Por que essa gente que se diz chique precisa explorar pessoas e animais?! Que maldade!

A vida de Ricarda foi muito cheia e ela fez muitas coisas... Ela trabalhou em muitos lugares, mudou-se várias vezes, casou, teve um filho, separou-se do

marido, cuidou do filho. E ouviu o filho pedir para morar com o pai. Ricarda esperava que ele voltasse aos finais de semana. Ficava que nem adolescente, esperando dar o sábado para namorar. Mas isso nem sempre acontecia. E, por um tempo, ficou triste. Ela ficava esperando o filho vir da casa do pai, mas ele não vinha. É... Esse período foi difícil... Mas, logo, logo, Ricarda percebeu que ela tinha mais 100 crianças para cuidar em seu novo trabalho. Essas crianças precisavam dela e esse laço afetuoso que desenvolveu com aquelas crianças preencheu seu coração.

Certa noite, muito parecida com aquela que ficou sabendo que se mudaria para São Paulo, Ricarda começou a pensar na cidade em que morava. Era um lugar triste. Cheio de gente que vivia com pressa, com pouca natureza e muita violência. Viu gente morrer do seu lado, por causa daquela brutalidade toda. Não estava mais feliz ali. E do mesmo jeito que seu pai lhe contou que eles mudariam para São Paulo, Ricarda contou para si mesma que iria embora dali.

– Mas para onde?

Por um tempo, foi mudando para vários lugares. Conheceu várias pessoas, cidades e coisas diferentes. Rodou pelo mundo, procurando se encontrar... Até que um dia, sem nenhum aviso, encontrou um cantinho muito parecido com tudo que sempre sonhou. Lá, tinha a natureza que ela valorizava e também tinha gente que lutava contra as desigualdades do mundo como ela. Que lugar lindo para se viver!

Era uma fazenda muito grande, em Campo do Meio. Puxa, quantas famílias cabiam ali! Mas essa fazenda estava abandonada... Os donos não se importavam com ela, mas, gananciosos, não vendiam e não doavam... Queriam ter só para eles, mesmo que eles mesmos nem usassem... Quando Ricarda chegou nessa fazenda, já havia muitas famílias ocupando aquela terra. Eram tantas famílias, que não conseguia contar! Mais que isso, havia famílias usando aquelas terras para plantar e produzir. Gente que ajudava a acabar com a fome do mundo. Gente que cuidava, para que comida saudável chegasse às mesas de jantar do pessoal da cidade grande. Gente que tratava a terra com respeito, porque sabe que ela é geradora de vida.

Mas de onde tinha vindo tanta gente? Eram pessoas que não tinham terra para morar ou plantar, mas tinham vontade de trabalhar. E como trabalhavam! Aquela fazenda que, durante anos, ficou sem produzir, sem vida, abandonada, agora, estava a todo vapor! Era um grupo tão forte de pessoas, mas tão forte, que sua organização causava admiração. Quem sabia uma coisa, ensinava para quem desconhecia. Desse jeitinho, carinhoso e organizado, uma fazenda que era abandonada, virou um lar. Um lar que reunia pessoas desabrigadas, virou um trabalho. Um trabalho que dava dinheiro, comida e oportunidades para famílias pobres, tornou-se uma escola. E essa escola se tornou o principal trabalho de Ricarda.

Hoje, já uma senhora, Ricarda ainda vive nessa fazenda, dando aulas na escola que há lá dentro e que ela ajudou a construir. Ela ensina crianças e adultos, despreocupada de perder seu emprego ou ser excluída, porque, nessa escola da fazenda, não há donos ou chefes que tem medo de funcionários rebeldes. Na verdade, lá é uma fazenda de pessoas tão rebeldes quanto Ricarda que têm sede de conhecimento e gana para mudar o mundo.

Era uma vez, num reino nada distante, sem reis e sem rainhas, uma mulher que um dia foi criança. Uma criança que cresceu sem fadas ou sapatinhos de cristal. Uma garota que não procurou príncipes, nem sapos para beijar. Que não enfrentou dragões, nem bruxas.

Era uma vez uma mulher que cresceu com vontade de mudar o mundo com as próprias mãos. Fosse mexendo na terra e cultivando comida saudável para gente com fome, fosse gerando mudanças nas vidas das pessoas e na história do mundo. Era uma vez Ricarda, uma mulher que sabia que ser mulher é lutar, diariamente, pelos seus direitos.

Um dia, no meio de uma aula, Tuíra, sua aluna, levantou a mão:

– Ricarda, a senhora É a história da luta de classes no Brasil!





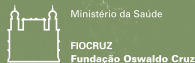
Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio

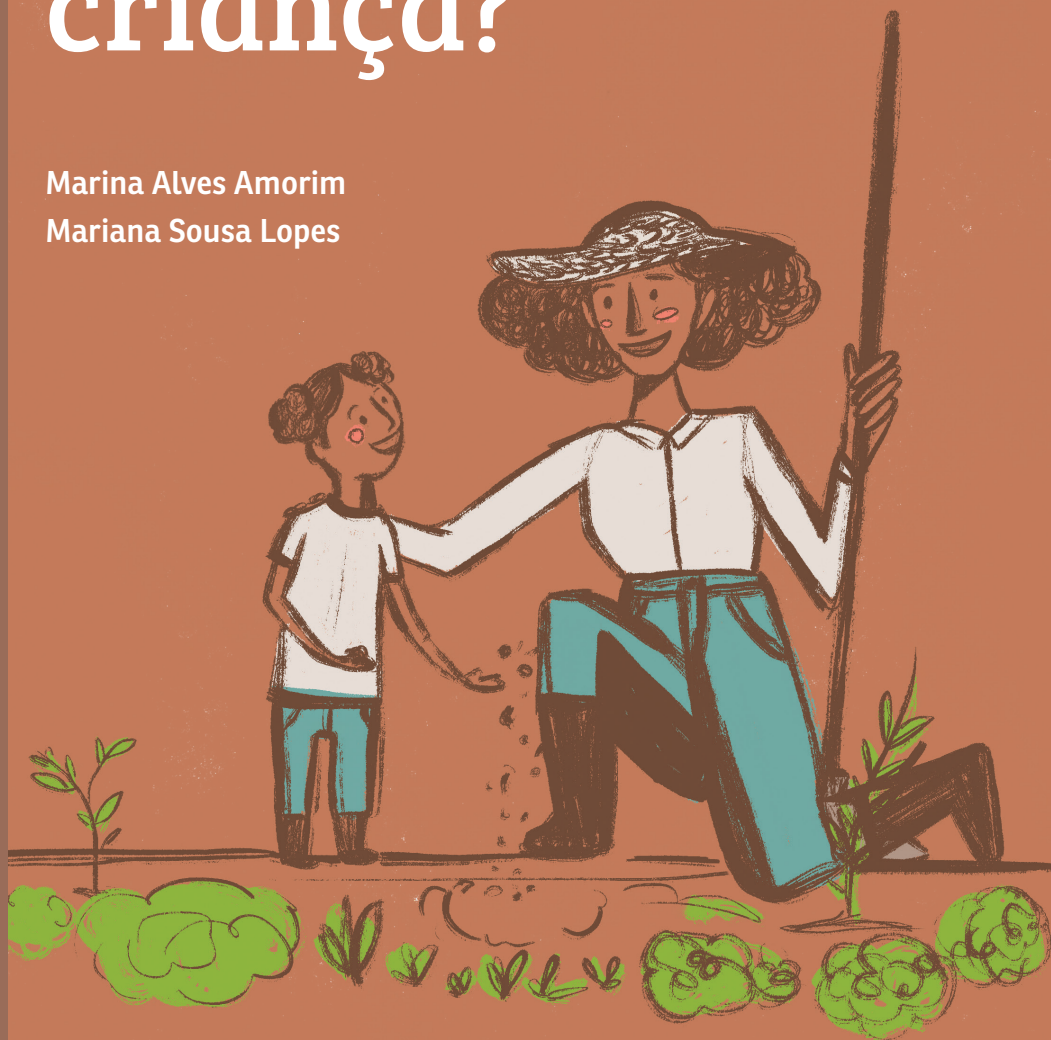


Produção vídeos



Trabalho é coisa de criança?

Marina Alves Amorim
Mariana Sousa Lopes



Trabalho é coisa de criança?

Marina Alves Amorim
Mariana Sousa Lopes

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Belo Horizonte, 25 de abril de 2017.

Olá, criança!
Bom dia, como você está?

Nós e outras colegas de trabalho, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, visitamos quatro mulheres incríveis: Dona Jovita, Dona Vera, Neuzi e Lúcia. Neste livrinho, você irá conhecer um pouco da infância dessas mulheres do campo de Minas Gerais.

Dona Jovita, Dona Vera, Lúcia e Neuzi foram crianças trabalhadoras, como você poderá observar ao longo da leitura. Elas começaram a trabalhar duro, quando ainda eram muito pequenas, para ajudar os pais a garantir a sobrevivência da família.

Isso não deveria acontecer, pois o trabalho infantil é proibido no Brasil. Como diz a música, "Criança não trabalha! Criança dá trabalho!" Mesmo assim, a infância também foi um tempo de trabalho para essas e outras mulheres do campo. E, o que é ainda mais grave, hoje, crianças continuam trabalhando no Brasil; meninas e meninos, no campo e na cidade.

Você já conversou com suas avós sobre como era a vida delas quando eram pequenas? E com a sua mãe? O que elas lhe contaram?

Um abraço,
Marina Amorim e Mariana Lopes.

Dona Jovita

Jovita Maria Gomes Corrêa, conhecida como Dona Jovita, nasceu em 1957, na Comunidade Quilombola Mata dos Crioulos, localizada no Distrito de Diamantina, onde sempre morou. Além de cuidar da casa e da família e de lidar com a terra, é apanhadora de sempre-vivas.

“Eu comecei a trabalhar de lavoura, essas coisas, com idade de oito anos. Com oito anos, a minha mãe já punha a gente pra fazer as coisas dentro de casa. Mexia, assim, com cozinha e trabalhava na roça. Ela também já levava a gente pra panhar a flor. A gente, desde criança, já invém nessa luta de trabalhar na roça e panhar sempre-viva.

Nós era, dentro da casa do meu pai, nove irmãos. Depois da Leia, foi o Antônio, que era homem. Depois do Antônio, foi eu e, depois de eu, um que se chama José Romeu. Depois do José Romeu, foi o Raimundo. Depois do Raimundo, foi o Luiz. Depois do Luiz, o Venâncio. E, antes do Venâncio, a Aparecida, né? E tem também a Maria de mulher. Todo mundo trabalhava. Assim que deu uma idade de oito anos, todo mundo trabalhava. Sempre essa lida”.

Entrevista concedida por Dona Jovita

Dona Vera

Veranilta Alves Costa, conhecida como Dona Vera, nasceu em 1953, em Coronel Murta, cidade localizada no Vale do Jequitinhonha. Mudou-se para Belo Horizonte quando tinha 23 anos de idade. Hoje, mora no Bairro Ribeiro de Abreu. É aposentada e possui uma horta urbana, comercializando seus produtos, sobretudo, em feiras da capital mineira.

“Eu comecei a trabalhar, quando tinha oito anos. Com oito anos, eu já trabalhava na roça com a minha mãe, lá em Coronel Murta. E foi a vida inteira trabalhando na roça capinando, plantando, colhendo. [...]”

Eu nasci na roça. Aprendi tudo com a minha mãe. A minha mãe fazia as covas e eu ia pondo as sementes. Eu perguntava quantas sementes. Ela mandava: três de feijão, quatro de milho. E eu punha e tapava com o pé. Aí, mais tarde, quando a gente ia crescendo, a gente tinha uma enxadinha. A minha mãe ia capinando e a gente ia capinando também. No tempo de roçar, a minha mãe roçava e a gente juntava as madeiras e punha fogo. Chamava coivara. Quando dava arroz, a gente ia com a minha mãe colher. A

gente colhia e soprava o arroz, pra gente tirar a palha. Depois, limpava no pilão, pra poder comer. A gente fazia tudo. Eu e minha mãe. E, depois, a minha irmã também. A outra que mora em Porteirinha e que, hoje, manda coisas do sítio dela pra mim, pra vender em Belo Horizonte. E era assim que a gente aprendia. Desde pequena, a gente ia fazendo. Desde pequena, eu trabalhei na roça. Quando a minha mãe ia pra roça de manhã e já tinha os meus irmãos, ela deixava os negócios pra cozinhar já separado. Porque eu sou a mais velha de oito irmãos. Aí, eu fazia a comida e punha em uma vasilha. Quer dizer, naquele tempo, a gente não tinha prato. Era as cuias, né? As gamelas. E levava. Lá, a gente comia; lá, ficava o dia inteiro”.

Entrevista concedida por Dona Vera

Lúcia

Maria Lúcia Cristo nasceu no município de Simonésia, em Minas Gerais, em 1963, onde ainda reside. Sua casa fica na zona rural e na sua propriedade há cultivo principalmente de café, além da criação de animais.

10

“Eu comecei a trabalhar, muito cedo. Com sete anos, eu já trabalhava, ajudava na roça. Eu dividia meu tempo entre ir pra escola e ir pra lavoura. Mas o tempo de estudo era reduzidíssimo... Era só o período de ir à aula mesmo. E, no recreio, em vez de brincar com as crianças, eu ia para o curral, para o pasto, tocar os bezerros e separar eles das vacas, botar as vacas no curral, pra no outro dia ter leite. Então, era assim.

Eu tenho um irmão que tem problema epilético. Muitas vezes, meu pai e minha mãe precisavam sair pra cuidar dele. E, como eu sou a filha mais velha, eu ficava com a responsabilidade de cuidar da casa e da criação. O meu pai sempre mexeu com muita criação, fazia rapadura. E, aí, quando ele ia fazer rapadura, eu já ia pra lavoura pra ajudar a cortar cana, carregar a cana. Mesmo sem aguentar, né? Porque elas eram muito grandes. Eu sofria muito, mas fazia. Porque

tinha que ajudar e contribuir com a alimentação da família. A gente tinha lavoura de café. Também plantávamos muito arroz, feijão, milho. Nós colhia de tudo. [...]

Nós somos sete irmãos: cinco mulheres e dois homens. Meu irmão, o que veio em terceiro, desde os cinco anos, ele começou a apresentar problema de saúde. Aí, ele não pôde ajudar, porque ele dava crise diariamente. Então, a minha irmã ficava mais na casa e eu fazia mais o trabalho braçal de ajudar o meu pai”.

Entrevista concedida por Lúcia

11

Neuzi

Neuzi de Fátima Pinto nasceu no município de Bonfinópolis, em 1966. Hoje, mora no Assentamento Tamboril, em Santa Fé de Minas. Vive da comercialização de sua produção na agricultura, em especial, do maracujá e da melancia.

12

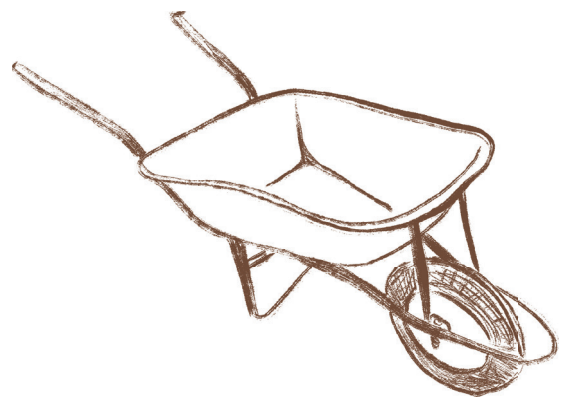
“Mãe não gostava de deixar a gente fazer as coisas não. Eu e minha irmã, Madalena, a gente ajudava a minha mãe, mas era porque a gente gostava de ir mais ela. Lavar vasilha, a gente lavava vasilha no córrego. Buscar água, era lá no córrego também, na cabeça. No caso de lavar roupa, era eu mesmo que lavava. As coisas menores, eu dava conta de esfregar. As coisas maiores, eu não dava conta. Na época, não tinha escova. Esfregava era na mão. A gente não dava conta de esfregar, porque a roupa era de algodão. Era tudo feito de algodão. A roupa do meu pai, a roupa da minha mãe, coberta, lençol, embornal, mala, tudo de algodão. Eu não dava conta de esfregar, então, eu ia com mãe. Ela lavava – ensaboava, esfregava, punha pra quarar. Colocava ali na pedra. Eles falavam no quarador. Lá em cima da pedra, deixava pegar um solzinho. Aí, depois, a gente ia esfregar. O sabão

dela era feito no tacho. Aquele sabão com aquelas pelotonas. Eu gostava de pegar essa pelota e ficar esfregando na roupa. Eu também ajudava minha mãe a enxaguar a roupa. Às vezes, eu gostava demais de sentar lá na pedra, batendo a roupa. Na época de chuva, a roupa ficava até dois dias. Aquela roupa mais encardida, todo dia a gente ia lá e dava uma mexida nela, até que limpava. Então, era esse o serviço. No mais, era tratar de porco e galinha. Isso era coisa dos meninos, Deuzilto e José Maria.

13

Eu comecei a trabalhar na terra com 12 anos, quando passei a levar a comida pro meu pai na roça depois da escola. Aí, eu levava o almoço e ia ficando. Primeiro, fui ajudando meu pai encoivarar. Encoivarar é juntar os paus, amontoar e colocar fogo. Naquela época, não tinha trator, não tinha quem encoivasse. Aí, ele foi me ensinando a mexer com a enxada e as outras coisas. Só não me ensinou a mexer com a foice. Achava muito perigoso. Até hoje, eu não mexo com a foice. A gente roçava e encoivarava, pra depois plantar.”

Entrevista concedida por Neuzi





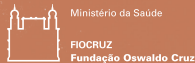
Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Pé pra lá, pé pra cá! Vamos colher sempre vivas?

Jovita Maria Gomes Corrêa
Marina Alves Amorim
Mariana Sousa Lopes



Pé pra lá, pé pra cá! Vamos colher sempre vivas?

Jovita Maria Gomes Corrêa
Marina Alves Amorim
Mariana Sousa Lopes

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

A colheita da sempre-viva começa em janeiro. O povo gosta de falar assim: "É a campina do mês de janeiro." E ela vai até o mês de maio. São cinco meses de colheita.

As famílias da Mata dos Crioulos iam todas para a Chapada catar a campina. Mas cada um ia com a sua família. Algumas vezes, uma família combinava com outra de ir junto, de lá, ficar perto uma da outra. Ainda assim, cada uma levava o seu mantimento.

Durante a colheita, a gente ficava na lapa. A nossa lapa é a mesma coisa da nossa casa. É a nossa casa na Chapada. A gente ficava morando nesse lugar, os cinco meses da campina. Vinha em casa, de vez em quando. Quando acabava a colheita das flores, é que a gente voltava para a Mata. Hoje, com o Parque, é diferente. Quando está na época da colheita da flor, o povo da Mata dos Crioulos sai para a Chapada para apanhar a campina, mais ou menos seis ou sete horas da manhã. A gente vai lá, apanha um pouco e costuma voltar para dormir aqui. Mas a gente sente falta de como era antigamente.

Os homens iam antes e olhavam como estava a lapa, limpavam mais ou menos, arrumavam o que fosse preciso. Eles punham uns paus, uns plásticos, fechando melhor; verificavam as fornalhas de barro e de pedra. Os homens faziam as caminhas também. Porque, na hora de dormir, a gente ia pra lapa e deitava no chão mesmo. Com água, eles não precisavam preocupar, porque todo mundo procurava um lugar sempre perto da água. Perto da água, por quê? Para facilitar para lavar uma vasilha, fazer uma comida ou tomar um banho. Então, quando chegava o dia, era só arriar os animais e subir, porque já estava tudo pronto na Chapada.

Quando a gente ia pra lapa, tinha que levar a comida, as vasilhas para cozinhar, esses troços todos. Levava até a criação, para ficar mais tranquilo. Levava as galinhas e os porcos. Só não levava, se alguém da família não fosse. Porque, aí, os que não iam, cuidavam dos animais. Mas isso era raro.

Os meninos também iam para a Chapada. Eu, inclusive, levava os meus meninos de três meses de idade. Eu usava um guarda-chuva, para poder proteger os bebês do sol onde não tinha árvore nenhuma. Aí,

arrumava a caminha deles e punha o guarda-chuva por cima. E a gente ficava por ali, ia apanhando flor por perto. Na hora que a gente terminava a colheita nesse lugar e ia sair para mais longe, carregava os meninos também. Era uma luta! Mas todo mundo sempre gostou dessa luta.

Como se apanha a sempre-viva? A gente apanha com a mão. Depois, tem que arrumar as flores: limpar tudo, juntar em montes arrumadinhos, amarrar os molhos bem bonitinhos, para poder guardar e vender. Depois da colheita, então, o trabalho é grande.

Da Chapada para a Mata, a flor vem ensacada, no lombo do animal. Enche um saco de campina. Depois, enche os animais com os sacos. E vem, pé pra lá e pé pra cá, tocando o cargueiro carregado. Eu já vi burro até com cinco ou seis sacos de sempre-viva. Coitados dos bichinhos! Eles sofriam!

A gente aprende a colher a sempre-viva com os pais. Isso passa de pai para filho. Todos nós, aqui, aprendemos dessa forma. Nossos pais levavam a gente para a Chapada. Na verdade, eles levavam a gente sempre, não importa o trabalho que eles iam

fazer. E diziam que era ensinamento. Seja capinar, seja plantar, seja apanhar campina, a gente aprendeu tudo fazendo e desde pequeno.

A criança gosta de apanhar flor. Não é porque são exploradas, não é porque os adultos obrigam que as crianças apanham sempre-viva. Elas gostam de fazer isso. Porque, com o dinheirinho da campina, elas compram o que quiserem. Às vezes, os pais não têm condição de dar uma coisa que elas querem. Aí, se conseguem apanhar uma quantidade boa, pegam o dinheiro e compram.

Leia, minha filha, por exemplo, gostava muito de campina, quando pequena. Ela morava mais na Chapada do que na Mata dos Crioulos, quando era menorzinha e ainda não tinha escola. Não gostava de ficar aqui em casa não. Gostava era de ficar atrás do pai e o pai morava muito mais para o lado da Chapada.

O dinheiro da colheita é de cada um. Por exemplo, você apanhou cinco quilos de flor, vendeu e deu cinquenta reais. Você fica com os seus cinquenta reais. É seu. Então, quem apanha mais recebe mais, quem apanha menos recebe menos. Porque cada um trabalha

separado, não é? Vamos supor, eu apanho as minhas flores, preparo as minhas flores e ponho de um lado. Meu esposo faz a mesma coisa e põe de outro. No final, pesa e as flores são misturadas só depois de pesadas. Então, cada um sabe quanto é seu e quanto é do outro. Agora, tem família que faz diferente.

Na época que a gente trabalhava mesmo com campina, o Lorico, meu esposo, trabalhava com venda na Chapada, fornecendo comida para os apanhadores. Ele comprava a mercadoria a prazo na cidade e levava para lá. Aí, todos pesavam a campina e vendiam pra ele, descontando o valor dos produtos que tinham comprado em sua mão. Lorico costumava fazer duas viagens até Diamantina por semana, ou até três, para buscar mercadoria e vender flor. Tudo isso ele fazia no lombo do burro, porque, aqui, não tinha estrada de carro, não tinha nada. Teve época em que ele chegou a comprar e vender, entre dois e três mil quilos de flor!

Quando o povo embalava na Chapada, apanhando flor, tinha até festa por lá. Aqueles que gostavam faziam baile, dançavam e bebiam. Tinha uma tal de Maria Augusta. Essa mulher deve ter uns 100 anos já. Ela fazia festa, fazia baile e todo mundo dançava adoidado!

Passava a noite toda, tocando sanfona, cantando, bebendo e dançando. Quem Maria Augusta encontrasse na Chapada era convidado: "Olha, meu filho, no fim de semana, vai ter um divertimento pra nós." E ela fazia comida. Comida à vontade! Fazia biscoito.

Algumas vezes, a gente ia. A gente só não ficava a noite toda como os outros. Mas ia pelo menos para ver como é que estava a festa. Depois, voltava para a nossa lapa. A gente também dançava um pouquinho. Dançava, uai! Eu também não era evangélica, nessa época. Graças a Deus, hoje, eu sou. Não posso, então, mexer com isso mais¹.



¹ Este texto é a transcrição de um excerto da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Jovita à Marina Amorim e Mariana Lopes.



Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

REDE MINAS

De quem é essa terra? De um ou de muitos?

Ana Paula Salej Gomes
Giovanna Lunardi Toledo



De quem é essa terra? De um ou de muitos?

Ana Paula Salej Gomes
Giovanna Lunardi Toledo

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Todo sábado, almoçamos em família. Esse é o dia em que, normalmente, eu encontro com meus sobrinhos: Rafael, Amanda, Luque, Bernardo e Surya. Logo que cheguei, o Bernardo perguntou:

– Dinda, por que você não veio no sábado passado?

– Estava viajando, Bê. Eu e a Giovanna, minha aluna, estávamos visitando a Neuzi e a família dela no Assentamento Tamboril, lá em Santa Fé de Minas.

– Onde é isso? – perguntou Luque.

Expliquei que era no Noroeste do estado de Minas Gerais, no caminho para Brasília. Aí, foi a vez da Amanda:

– Mas o que é assentamento?

– O assentamento rural é um lugar que reúne várias fazendinhas, onde antes existia uma fazendona que pertencia a uma única pessoa. Isso quer dizer, uma terra grande que era de um só dono é dividida em vários lotes. Cada lote é entregue a uma família que

não tem condição para comprar e manter um imóvel rural de outra forma.

Mais do que rápido, Luque afirma:

– Entendi, eles ganham a terra!

Bernardo completa:

– O dono da terra dá a terra para eles.

– Não é bem assim. Há muita terra no Brasil. Às vezes, o dono da fazenda não trabalha a terra. Não planta, não cria animais. A terra é improdutiva. Na Constituição do Brasil, a Lei que fica acima de todas as outras no Brasil, está escrito que a fazenda precisa ser aproveitada de forma adequada, que os recursos naturais têm que ser usados de forma correta e que o meio ambiente deve ser preservado. Além disso, ela deve ser trabalhada para gerar o bem-estar de seus donos e dos trabalhadores. Se uma terra não é trabalhada, isso não é bom para a sociedade como um todo. Assim, nos lugares onde há muitas famílias do campo em situação de pobreza e muita terra concentrada na mão de poucas pessoas, o governo

fica de olho para ver se a fazenda está cumprindo essa sua função social. Se isso não acontece, o governo desapropria a terra. Ou seja, avisa ao dono da terra que vai comprar a terra dele. Antes de pagar pela terra desapropriada, o governo investiga bem para comprovar se a terra é improdutiva. Se ficar provado que a terra é improdutiva, aí, ele estuda se ela é boa para receber um assentamento.

Surya, que até então ouvia tudo calada, pergunta:

– Como assim? Estuda o quê?

– Eles olham várias coisas, mas principalmente se tem água.

– Água? – pergunta Bernardo.

Surya responde:

– Claro, pois os bichos precisam beber água.

– E as plantas também precisam de água para crescer
– completa Luque.

– Agora, sou eu que vou perguntar: além da água, o que mais é preciso para plantar e criar animais em uma terra?

Depois de algum tempo de silêncio, Amanda fala:

– A qualidade da terra!

8 – Sim, a qualidade da terra e o clima são importantes e devem ser conferidos. Se o lugar tem as coisas necessárias para que as pessoas cultivem, aí, o governo continua o processo. O passo seguinte é a desapropriação da terra. A terra deve mudar de propriedade. Deixar de ser propriedade da pessoa que não produz para ser do governo. Esse processo não é fácil. Muitas vezes, dá muita discussão e demora muito tempo. O dono não quer que sua a terra passe a ser do governo. Enquanto o governo negocia com o dono da terra, os movimentos sociais escolhem e organizam as famílias que vão ocupar a terra desapropriada. No caso da Neuzi, foram vários anos entre se inscrever para receber um pedaço de terra no sindicato de João Pinheiro e receber o seu lote. Quando tudo começou, ela tinha só duas filhas. Quando foi para o seu lote, já tinha quatro filhas. Ela é uma mulher corajosa.

Procurou informação, mudou de cidade ficando longe dos pais para poder conseguir um lugar para sua família, aprendeu sobre os direitos das pessoas sem terra, viajou muitas vezes sozinha ou com uma das filhas no colo pra não perder as reuniões e garantir seu direito e dos outros. Não desistiu do seu sonho e ajudou outras pessoas a conquistarem sua terra também.

– O que acontecia com as outras filhas quando ela viajava? – perguntou Surya.

– Elas ficavam com o pai ou com as tias.

– Mas por que o marido dela não ia? – perguntou o Luque.

– Ele trabalhava para outras pessoas e não podia deixar o serviço. Já ela trabalhava em casa cuidando das meninas, da horta e das criações – galinhas e porcos. Não dependia, então, de autorização de um patrão pra ir. Além disso, o marido a apoiava, pois sabia que ela estava batalhando para dar uma vida melhor para as filhas. Eles dividiam as tarefas ou pediam ajuda de alguém da família para que ela pudesse ir defender o direito deles.

– Nossa, não deve ter sido fácil! – exclamou Amanda.

– Neuzi, assim como muitas mulheres que moram no campo, tiveram um papel importante na Reforma Agrária.

– Reforma Agrária?! – perguntaram todos em coro.

– Sim, Reforma Agrária, essa mudança que o governo faz na distribuição da propriedade da terra, evitando que ela fique concentrada nas mãos de poucos e sem produzir.

Rafael, tentando ajudar, completa:

– O governo pega uma fazendona parada e organiza nesse espaço várias fazendinhas produtivas, garantindo que famílias que antes tinham dificuldade de se manter, produzam sua comida e produtos que serão vendidos nas escolas e feiras para alimentar as pessoas que moram nas cidades. Isso é bom para todos, tanto para as pessoas que produzem quanto para aquelas das cidades que precisam desses alimentos produzidos no campo.

– O que fazem as crianças nos assentamentos? – pergunta Bernardo.

– Elas estudam como vocês. Nos assentamentos, há escola e posto de saúde. A Diennifer, filha da Neuzi, tem 10 anos. Todos os dias cedinho, o ônibus escolar passa na entrada da casa deles para levá-la para a escola.

– Todos os assentamentos são assim? – Amanda questiona.

– Temos realidades diferentes. De acordo com a região, mudam o clima, os costumes, a riqueza. De acordo com a história de como a terra foi ocupada, mudam os atores.

– Atores?! – retruca Amanda.

– Sim, as pessoas e organizações que exercem um papel importante no processo de implantação da Reforma Agrária. A Reforma Agrária não nasce só da vontade do governo. Ela nasce da demanda da sociedade e da luta de vários trabalhadores rurais junto aos sindicatos e aos movimentos sociais.

Nesse momento Bernardo pontua:

– Dinda, mas e aí? As famílias do assentamento ganham ou não a terra?

– Os trabalhadores rurais assinam com o governo um documento. Nesse documento, eles comprometem-se a morar no lote e a explorá-lo para seu sustento, utilizando só a mão de obra familiar. Eles recebem apoio para desenvolver sua produção. Até que possuam a escritura do lote, os assentados e a terra recebida ficam vinculados ao governo. Nesse período, eles não podem vender, alugar, doar, arrendar ou emprestar sua terra. Esse documento é provisório. O documento definitivo chama-se título de domínio. Ele é o documento que transfere o imóvel rural para o beneficiário da reforma agrária. Só é obtido quando é cumprido o combinado no primeiro documento e o assentado já tem condições de cultivar a terra e de pagar por ela. O pagamento é feito em 20 parcelas anuais. Ou seja, os assentados pagam pela terra que recebem. E agora, quem sabe me dizer de quem é a terra?

– A terra de um dono (o proprietário da grande fazenda) vira terra de muitos (do Estado) após muita luta e passa a ser trabalhada pelos assentados. Depois de muitos anos de trabalho, o lote pode virar propriedade do assentado que nele trabalhou ou de seus herdeiros que lá continuarem trabalhando. – Amanda responde.

– Mas, aí já será uma terra diferente, né?! Será produtiva e terá cumprido sua função social: aumentar a oferta de alimentos e sua qualidade e apoiar o desenvolvimento social e econômico do país.

– Gente, o almoço está na mesa! – grita a Vovó Silma.

– Vamos lavar as mãos, criançada. Depois, conto outras histórias da viagem!





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Rios, barragens e histórias

Fabiola Paulino da Silva
Luisa Silva Guimarães



Rios, barragens e histórias

Fabiola Paulino da Silva
Luisa Silva Guimarães

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Itueta, 5 de dezembro de 2015.

Querida Vitória,

Tudo bem com você? Escrevo esta carta para saber como você está e como anda sua vida depois do rompimento da Barragem do Fundão que atingiu tão duramente os moradores de Bento Rodrigues, Mariana e outras cidades ao longo da Bacia do Rio Doce. Quero saber como você, com apenas 13 anos, está vivendo depois dessa tragédia. Como estão a sua família e seus amigos? Você está estudando? Tem encontrado com os seus amigos? Como está a rotina por aí?

Antes de lhe escrever, eu estive me perguntando: será que as pessoas sabem o que é uma barragem e como ela afeta a vida de tanta gente? Como você já sabe, barragem é quando o homem vai lá no rio e constrói uma parede bem grande, que para e acumula a água. Aí, a água fica lá, parada e acumulada, e pode servir para outras coisas. Aqui em Itueta, a barragem serve pra fazer energia elétrica que é o que a gente usa pra poder ligar a TV ou o rádio. Em Mariana, a barragem servia pra guardar uma água suja que vinha das mineradoras e que poderia sujar o rio.

Como vocês de Mariana, nós daqui de Itueta também já sofremos as consequências da construção de uma barragem. O povo trabalhava na beira do rio, mas, depois que a água tomou conta da terra, todo mundo perdeu esse serviço, pois não tinha como trabalhar mais lá. Alegro-me em lembrar como era a nossa vida antes da barragem. A vida era muito boa! Na época, eu ainda morava com os meus pais. Tinha um córrego que passava lá perto chamado Ribeirão. Durante a semana, a gente trabalhava e estudava e, nos finais de semana, a gente ia se divertir lá na beira do córrego. A gente ia cedo, pescava e já fazia o peixe lá mesmo. Era uma diversão! Depois que a barragem chegou, nós perdemos isso também. Aqui, não tem mais o que fazer nos dias de folga, a não ser ficar em casa.

A tragédia de Mariana também atingiu aqui, onde eu moro. Porque a água do rio que passa por aí, depois passa por aqui também, caminhando em direção ao mar, e ela veio trazendo a água suja da Barragem de Fundão. Como gostam de dizer os professores, isso acontece porque é a mesma bacia hidrográfica. Mas eu sei bem que o que nós estamos passando não é nada, perto do que vocês estão passando. Aqui, as famílias mais afetadas são as que moram na beira do rio e que usam a sua água para molhar o pasto.

Gostaria de dizer, minha querida Vitória, que o importante é que você saiba que não está sozinha! Você tem a mim e a todas as companheiras e os companheiros de luta do MAB, o Movimento dos Atingidos por Barragem! Nunca se esqueça de que, com a nossa luta, a gente pode mudar a nossa comunidade e a sociedade. Mesmo com todas essas dificuldades que sei que estão enfrentando, eu te digo: fique forte, vá à luta junto com seus pais e não desista dos seus sonhos! Você é nova e vai ser forte para enfrentar estes desafios.

Vou esperar ansiosa por sua resposta. Quero saber como está tudo por aí!

*Com carinho,
Tia Elaine*

Mariana, 20 de dezembro de 2015.

Tia Elaine,

Fiquei muito feliz em receber sua carta! Por aqui, está um pouco melhor agora. E com você, tudo bem?

Bem, a barragem rompeu no meio da tarde. Na hora, eu estava na escola. Minha mãe estava em casa e meu pai, no trabalho. Fiquei com muito medo, mas consegui me salvar junto com os colegas e só encontrei meus pais algumas horas depois.

Com o rompimento da barragem, nós tivemos que sair da nossa casa. Hoje, não estamos mais em Bento, porque, agora, lá não tem mais nada, só algumas casas destruídas. Estamos em Mariana, em uma casa que minha mãe disse que a mineradora está pagando pra nós. De vez em quando, a gente vai em Bento, pra visitar o que sobrou. Meus pais choram sempre que chegam ao lugar onde antes estava nossa casa. Agora, nesse lugar, só tem um pedaço da parede da sala...

O rio onde a gente nadava ficou todo marrom. Você sabe o que tem nele? Dizem que é lama e um treco que chama

rejeito. Em alguns lugares, a água brilha. Meu pai disse que o brilho é o minério que veio da barragem. Escutei o papai falando que o rio morreu...

Em Mariana, eu não posso mais sair pra ficar na rua, igual fazíamos em Bento. Não dá, por exemplo, para as crianças andarem de bicicleta ou brincar de *pique*. Aqui, é diferente da roça! Eu sinto falta de como era antes. Eu brincava muito com os animais. Agora, não tenho nenhum. Minha vó não sobreviveu ao acidente, mas a boneca que ela me deu quando era pequena, eu consegui salvar. Por isso, não largo essa boneca que se chama Matilde: ela me faz ficar perto da minha vó... Às vezes, eu fico triste e sinto um aperto no peito, porque perdi muitas coisas. Elas foram quase todas levadas pela lama. O papai também sente falta e sempre diz que está triste. Aqui, ele não tem lugar pra plantar. A mamãe diz que, depois que veio pra cidade, meu pai passou a beber mais, junto com outros moradores de Bento.

Uma vez no mês, vamos até uma praça, onde ficam uns cartazes falando sobre o acidente. Minha mãe fala que a gente precisa se lembrar da tragédia para que ninguém se esqueça. Lá, eu vejo umas vizinhas chorando e meus amigos também. Aí, eu fecho meus olhos e lembro-me

de como era em Bento e finjo que estou lá. Lembro-me de quando eu podia subir nas árvores, correr pelo pasto e tomar banho no rio...

Quando tudo aconteceu, a gente ainda não era do MAB. Então, eu não sabia muito bem o que era uma barragem, apesar de morar perto de uma. Agora, sei o que é e sei também os estragos que ela pode causar, se não for feita com responsabilidade. Todo mundo sofreu com o rompimento da barragem...

Eu sei que vocês estão lutando desse lado daí, tia! Obrigada! Minha mãe, meu pai e toda comunidade também falam pra gente ficar forte. Quando eu e a minha mãe lemos a sua carta, os olhos dela ficaram cheios d'água e ela me disse que você está certa: a gente não pode deixar de lutar!

*Com carinho,
Vitória*





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Descobrimo o quintal dos vizinhos!

Mariana de Lima Campos



Descobrimo o quintal dos vizinhos!

Mariana de Lima Campos

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Maria e Kelly são duas meninas com 12 anos de idade. As duas são vizinhas e moram em uma comunidade rural, localizada no interior do Estado de Minas Gerais.

A família de Maria tem uma plantação de tomates e os vendem na feira e no mercado da cidade. A família de Kelly possui uma diversificada horta, em um quintal do qual retiram praticamente todos os alimentos necessários para o consumo e a **subsistência**.

Certo dia, Kelly viu sua vizinha do lado de fora e foi conversar:

- Maria, o que você está fazendo aí?
- Oi, Kelly! Estou juntando esse lixo aqui de casa para meu pai queimar depois.
- Ué, vocês jogam fora até as cascas de frutas e os restos de comidas?
- Sim, por quê? – questionou Maria.
- Vocês poderiam separá-las e nos dar.

- Mas por que vocês iriam querer esse tipo de lixo?
- Aqui em casa, separamos os restos orgânicos para utilizarmos como adubo na terra do nosso quintal e fazer com que se torne mais fértil. Trabalhamos com **compostagem**. Você já ouviu falar disso?
- Não, você pode me explicar o que é?

6

- A compostagem é uma das técnicas que utilizamos, aqui, para termos uma diversidade de alimentos no nosso quintal. Ela funciona mais ou menos assim: escolhemos os recipientes, colocamos camadas de serragem, esterco ou restos de alimentos e terra. Depois, fazemos furinhos embaixo dos recipientes para que o excesso de líquido esorra. As minhocas fazem todo o trabalho para que se forme um composto, nosso **adubo orgânico**. Assim, reaproveitamos nosso lixo e o transformamos em uma terra com uma ótima qualidade de nutrientes para plantarmos o que quisermos.
- Será que é por isso que o papai fala sempre que as frutas e os legumes de vocês são mais saudáveis do que os tomates que plantamos aqui? – questionou Maria.

- Acho que sim. Vocês também usam **agrotóxicos** aí, minha mãe sempre diz que isso faz muito mal para a saúde e para a natureza. Por isso, utilizamos este tipo de adubo e **remédios naturais** para controlar as pragas como uma forma de deixar o que produzimos mais saudável. Um exemplo é o uso da cinza do fogão a lenha para não deixar que apareçam cupins nas cebolas que plantamos.

7

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Eu não conseguiria sobreviver na cidade, porque, aqui, você sabe que tudo que você planta é natural. E, lá, tudo que você vai comer, você sabe que é cheio de agrotóxico. Tudo, tudo! Aqui, não. Aqui, é tudo natural. Então, morar na roça, ter a horta e ter as coisas agroecológicas é tudo!

Elaine, Itueta (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

[...] uma das coisas que fez meu pai sair da roça mais rápido, no linguajar da época, foram as pragas. Começou a aparecer as pragas e falaram pra ele que já tinha remédio pra matar. O remédio era veneno, né? E explicaram direitinho, para o meu irmão, como trabalhava com o veneno. Meu pai comprou e pôs naquela máquina costal. A máquina costal estava com vazamento e ele intoxicou, depois de um dia inteiro trabalhando. Deu tudo certo, só que, como intoxicou, já não podia mais ter contato [...]. Mas eu sabia que aquilo lá era errado, que não era bom. Se molhou o corpo dele e intoxicou, imagina se põe na planta, se respira!

Dona Ricarda, Campo do Meio (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Eu não uso remédio na plantação, nem na horta. Não uso agrotóxico. É muito difícil, eu usar algum tipo de remédio. Eu sempre coloco no que eu planto a cinza de fogão à lenha. Na hora que eu vou fazer a cova de cebola, por exemplo, eu ponho um pouquinho de cinza pra não dar cupim. Mas, no resto, é muito difícil eu usar algo além. A terra não precisa desse tipo de coisa.

Alzilene, comunidade Jenipapo, Itinga (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

[...] as mulheres tem mais facilidade de absorver essa produção natural, né? Nós fomos as primeiras a desenvolver a agroecologia, justamente pelo medo de lidar com o veneno. Então, esse medo de lidar com o veneno é que facilitou o acesso à agroecologia. Só que a gente não sabia que era agroecologia. A gente jogava cinza pra diminuir os pulgão; jogava a urina de vaca, pra deixar aquele fedor da urina e esparramar os insetos...

Lourdes, Porteirinha (MG)

– Nossa, que legal! Nunca imaginei que dava pra aproveitar tanta coisa que, normalmente, jogamos fora!

– Pois é! Outra coisa que fazemos é o **manejo ecológico de insetos** para que possamos respeitar o comportamento natural do meio ambiente. Assim, nossa plantação é realizada em harmonia com a natureza. Por exemplo, outro dia, devido às formigas que estavam cortando as folhas da laranjeira, plantamos o gergelim aqui. Isso fez com que elas passassem a cortar o gergelim, ao invés das folhas das nossas árvores frutíferas, e não precisamos utilizar nenhum tipo de veneno químico para matá-las. No nosso quintal, tudo tem uma função, as árvores, as plantas, os animais, os insetos, até as graminhas e a vegetação rasteira que protegem o solo.

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

No caso das formigas, disseram uma vez que é bom plantar o gergelim. Plantei e tô sentindo que é bom mesmo! Elas não cortaram os pés das coisas, como as folhas de laranja e de goiaba. Geralmente, elas cortam tudo! Quando falaram que era bom, nós semeamos um bocado de gergelim e elas cortaram foi o gergelim.

Alzilene, comunidade Jenipapo, Itinga (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Tem umas folhas que dá pra fazer um combate natural de inseto. Essas folhas secas, fazendo o pó, se você colocar na alimentação do animal, não dá aquela mosca de chifre, aquela mosca que fica incomodando o animal, sugando. Tem que ser pouco, porque é tóxico. Então, tem a quantidade que você pode por no sal pro animal consumir. Você pode bater na roça também, pra combate de praga.

Dona Lourdes, Porteirinha (MG)

Neste momento, a mãe de Kelly chega trazendo um embrulho. Ela diz:

– Kelly! Olha o que acabei de trazer da casa da comadre! Sementes de milho crioulo! Ajude-me a semeá-las aqui em nosso quintal!

– Claro, mãe! Você quer vir me ajudar, Maria?

12

Maria vai até o quintal de Kelly para ajudá-la. Ao ver as sementes questiona:

– Ué, Kelly, por que esse milho não é amarelo?

– Ele é de outra variedade, é vermelho. Existem vários tipos de milho que, com o tempo, as pessoas foram deixando de conhecer. E essas sementes estão sendo cada vez mais resgatadas por pessoas que se preocupam em manter uma agricultura mais saudável e a riqueza natural das nossas terras. As **sementes crioulas** não têm agrotóxicos e não são modificadas geneticamente em laboratórios. Existem **bancos de sementes** em alguns lugares e as pessoas responsáveis por eles são chamadas de guardiões e guardiãs, pois se preocupam em preservar a variedade

das sementes nativas de cada região. Por meio desses bancos, as sementes são normalmente trocadas ou vendidas entre agricultoras e agricultores familiares, para que não exista a necessidade de comprarmos de grandes empresas. Dessa forma, é sempre possível ter uma diversidade de alimentos em nosso quintal, valorizando a nossa saúde e a **agrobiodiversidade** da nossa própria região.

13

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

A gente tem a produção de semente crioula. Eu toco a semente crioula, junto com o meu filho mais velho. Ele tem aptidão pela produção de semente crioula. Então, a gente tem a autonomia na semente, né? E tem a sustentabilidade disso. A gente tem trabalhado na semente de milho, de sorgo e de várias variedades de feijão [...] Dali a gente tira semente, porque ela não tem nenhum perigo de cruzamento.

Dona Lourdes, Porteirinha (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

O Valteir Soares cuida de um banco de sementes comunitário em Itinga. Quando eu não tenho aqui a semente do milho ou do feijão, eu pego ou troco lá. Se eu pegar uma garrafa plástica de um litro cheia de sementes, quando eu colher, eu tenho que pagar para ele dois litros. Quer dizer, todo banco tem juros, né? Você pegou um dinheiro, você tem que botar um pouquinho depois. Então, lá, é da mesma forma, só que é em semente. Eu sempre pego com ele, quando preciso.

Alzilene, Comunidade Rural Jenipapo, Itinga (MG)

– Nossa Kelly! Eu aprendi tanta coisa, hoje, que eu nem imaginava! Vocês fazem isso tudo aqui do lado de casa e eu nunca tinha parado pra prestar atenção!

– E isso é muito pouco diante de tudo que envolve a **agroecologia**, essa forma diferente de olharmos para a agricultura nos relacionando com o meio em que vivemos, respeitando a natureza e as pessoas. É através da agroecologia que, hoje, conseguimos viver de uma forma mais sustentável, ou seja, vendo como é possível sobreviver e conviver com a natureza sem prejudicá-

la. O **agronegócio** e as práticas da agricultura consideradas mais “modernas” não defendem todas essas ideias e o que é pior, geram muitos problemas ambientais e sociais como, por exemplo, o desmatamento; o envenenamento do solo, das águas e dos animais; a concentração de terras nas mãos de poucos, fazendo com que as pessoas do campo passem a ir atrás de melhores condições de vida na cidade e estimulando o crescimento da desigualdade entre as pessoas. Temos em mente que isso tudo é muito ruim para as pessoas e para o meio ambiente.

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Na agroecologia, eu tenho que batalhar pra ter uma verdura saudável, sem veneno. E eu acho importante trabalhar com a terra e voltar pra ela o que ela me dá. A terra me dá uma alimentação saudável e eu trabalho nela sem venenos, de uma maneira que não a agrida. Isso faz sentido e é muito prazeroso!

Dona Veranilha, Belo Horizonte (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Eu acho que a gente como mulher que gera vida, a gente já foi colocada aqui pra gerar vida. E acho que é um respeito muito grande que a gente precisa ter com a terra, porque ela é geradora de vida [...]. [...] você tratando a Mãe Terra bem, tratando o meio ambiente, tá gerando vida...

Dona Ricarda, Campo do Meio (MG)

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Trabalhar agroecologicamente significa tudo. Significa a sobrevivência das gerações, em um futuro. Significa mais qualidade de vida, mais dignidade. Significa um alimento que vai ser alimento de verdade. Eu acho que produzir dessa forma é, de fato, ter sustentação das famílias, da vida no planeta.

Maria Lúcia, Simonésia (MG)

– Como vocês aprenderam tudo isso, Kelly?

– Tudo o que sabemos e construímos de aprendizado se deu em alguns encontros que minha mãe começou a participar. Nesses encontros, são trocados conhecimentos sobre as diversas práticas agroecológicas e experiências alternativas de produção com a terra. Nessas reuniões, participam agricultoras e agricultores de muitas regiões diferentes, organizações, movimentos sociais, técnicos, cientistas, professores, pessoas interessadas no assunto e pessoas que querem aprender com tudo isso. Inclusive, amanhã terá um **intercâmbio de experiências agroecológicas e trocas de saberes**, no município que fica aqui ao lado. Convida sua mãe e seu pai para irmos juntos! Quem sabe eles não se interessam também?

O QUE DIZEM AS MULHERES DO CAMPO?

Eu conheci a agroecologia através da Rede de Intercâmbio [...] na época que eu era criança, a gente nunca bateu veneno. Aí, por exemplo, o mamão dava do jeito que ele podia. A batata, a mandioca. [...] A técnica, isso de não por veneno, eu vim a aprender com a REDE. Eles deram um curso. Primeiro, foi o Daniel, o agrônomo. Conheci ele, aqui em casa. E, aí, vieram os intercâmbios que o Daniel fazia. E teve curso: curso de horta, curso de biofertilizante. A REDE dá vários cursos. Tem os encontros, eu vou. Tem intercâmbio, eu vou. Fiz curso, lá no Rio de Janeiro, duas vezes. Eu fiz curso em Viçosa. [...] Eu conheço vários produtores. Lá no Rio, eu conheci produtores urbanos. Em Viçosa, eu conheci vários agricultores. Aqui, eu conheço vários agricultores. E a gente faz intercâmbio. A gente vai em várias outras hortas. A gente troca conhecimento, a gente troca muda, a gente troca semente, a gente troca tudo que é possível trocar.

Dona Veranilta, Belo Horizonte (MG)

Maria voltou para casa correndo e foi contar à sua família sobre os aprendizados daquele dia, convencendo-os a participar do encontro para o qual Kelly os havia convidado. Depois dessa rica experiência, a família de Maria passou a adotar aos poucos práticas agroecológicas em seu quintal, reinventando a forma de produzirem os alimentos em sua propriedade e de se relacionarem com o meio ambiente.

O QUE É SUBSISTÊNCIA?

Subsistência é o necessário para manter a vida, ou seja, o sustento e a sobrevivência das pessoas.

O QUE É AGROTÓXICO?

São produtos químicos ou biológicos utilizados para prevenir ou exterminar pragas e doenças na agricultura, como os pesticidas, inseticidas e fungicidas. Os agrotóxicos são também conhecidos como defensivos agrícolas.

O QUE É AGROBIODIVERSIDADE?

Biodiversidade é a totalidade das diferentes formas de vida existentes na natureza (plantas, animais, insetos etc). A agrobiodiversidade também pode ser chamada de biodiversidade agrícola, ou seja, é tudo que faz parte da biodiversidade que tem importância para a agricultura e para a nossa alimentação. Por exemplo, há milhares de anos o ser humano se relaciona com a natureza, cultivando uma diversidade muito grande de plantas e alimentos que fazem parte da agrobiodiversidade.

O QUE É AGRONEGÓCIO?

São atividades de produção ligadas à agricultura e à agropecuária, onde são utilizadas muitas tecnologias e máquinas pesadas para se alcançar uma grande produtividade (uma produção em larga escala). Para produzir em larga escala, é preciso uma grande extensão de terra. Essas grandes propriedades de terra podem ser chamadas de latifúndios, propriedades que normalmente pertencem a uma única pessoa, família ou empresa.

Para conseguir produzir muito e controlar as pragas que aparecem, o agronegócio utiliza uma grande quantidade de agrotóxicos.

Dentre as atividades do agronegócio, é comum vermos a plantação de apenas uma espécie de planta, o que pode ser chamado de monocultivo, mas na grande maioria das vezes o que é produzido pelo agronegócio é voltado para a exportação, ou seja, é produzido para ser vendido para outros países, além do que, o agronegócio não produz normalmente os diferentes alimentos que comemos no nosso dia a dia, como o arroz, o feijão e as verduras, que no Brasil são produzidos pela agricultura familiar.





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Na minha casa, todo mundo trabalha junto e misturado!

Clarissa Nascimento Duarte
Vera Lúcia Costa Westin



Na minha casa, todo mundo trabalha junto e misturado!

Clarissa Nascimento Duarte
Vera Lúcia Costa Westin

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Como é o dia a dia na sua casa?

Eliete é agricultora e coordenadora geral do sindicato dos agricultores familiares da cidade onde mora. É casada e mãe da Maria, do José e do João. Ela conta como é a vida e a rotina de trabalho no sítio da família:

“Desde pequena, trabalhei na roça. Estudava de manhã na escola rural próxima. Depois da aula, no sítio onde morávamos, fazia comida e cuidava da casa. Depois, junto com meu irmão, tratava das criações e da horta. Eu aprendi também a costurar com minha mãe e a fazer crochê, esses trabalhos manuais que, na roça, geralmente toda moça aprende a fazer. Quando fiquei maiorzinha, parei de estudar, porque não tinha mais escola rural com as séries finais do ensino fundamental perto de casa e não tinha transporte para as escolas na cidade. Fiquei muito triste por isso. Eu tinha um desejo muito forte de continuar os estudos, mas não tinha outro jeito para mim que era menina. Meu irmão continuou a estudar, pegando carona para a cidade, mas meus pais ficaram com medo de deixar a filha menina fazer o mesmo. Fui, então, trabalhar na lavoura de café com eles.

Trabalhando na terra, eu aprendi a amar a vida na roça e sempre pensava: – Gente, eu jamais poderia viver na cidade! Então, quando cresci, casei e continuei trabalhando com a terra no sítio

5

Por que será que os pais da Eliete não deixaram que ela continuasse os estudos?

do meu marido, mexendo com horta, com galinhas, com plantas, pra vender na feira.

O dia a dia da gente, aqui, geralmente começa cedo. Cinco horas da manhã, a gente levanta e o meu marido vai tirar leite no curral. No dia que ele vai 'trocar dia' com os vizinhos, eu faço comida cedo para ele levar marmitta. Trocar dia é assim: num dia, todos vão para o sítio de um vizinho para capinar, plantar, fazer o que tem que ser feito; noutro dia, eles vêm no nosso sítio pra fazer as mesmas coisas aqui; noutro dia, vão pro sítio de outro vizinho. É um mutirão em que todos ajudam todos. Na época da 'panha' de café, vamos nós dois pra lavoura. Agora, capinar fora do sítio, eu nunca fui. Ele tira leite, eu faço comida. É uma troca, uma cooperação.

Meu marido – e também meus filhos, quando foram crescendo – sempre dividiram os trabalhos dentro de casa comigo. Mas as coisas mudaram um pouco desde que eu comecei a trabalhar no sindicato. Meu tempo pra dedicar à horta e fazer comida foi apertando. Aí, o meu filho mais novo nasceu e terminou de complicar tudo. Eu não estava dando conta de fazer as coisas pra vender, ajudar a cuidar da horta e ir para a feira aos sábados. A família percebeu, então, que eu tinha muitas tarefas e passaram a assumir mais coisas dentro de casa. Agora, todos ajudam a fazer o almoço: um busca verdura, o outro corta. Da mesma forma que a gente junta pra almoçar, a gente junta pra cozinhar e lavar vasilha.

Será que o dinheiro da feira aos sábados não iria fazer diferença para a família de Eliete?

A única coisa que eu não faço é tirar leite. E o meu marido, eu acho que a única coisa que ele nunca fez, até hoje, foi lavar roupa. Ele até já pôs roupa no varal, mas lavar ele nunca lavou. Mas isso não tem problema! Tem sempre alguma coisa que a gente não gosta de fazer. Por exemplo, lá na casa da minha vizinha, quem faz o almoço é o marido dela, porque ela não gosta muito de cozinhar. Ela faz outras coisas, como trabalhar na horta, enquanto ele prepara as refeições.

Aqui em casa, todo mundo trabalha junto e misturado! As tarefas são responsabilidades de todos. Então, quem está com um tempinho livre chega e faz. Não tem disso da mulher ter que fazer comida simplesmente porque na maioria das casas costuma ser assim. Se eu estou ocupada, ele faz comida. Até o José Emanuel, meu menino do meio, já cozinha. Nas quitandas, meu marido sempre está junto também, quando não está ocupado no curral ou na lavoura de café. Quem acaba cá, ajuda o de lá; quem acaba lá, ajuda o de cá. Entre nós quatro é sempre assim, já que o João ainda não tem idade para participar como os outros.

Infelizmente, aqui em casa é um caso raro. No geral, são poucas as casas em que a mulher não fica sobrecarregada com o trabalho de casa, chamado trabalho doméstico ou trabalho reprodutivo. Tem muita casa aqui perto que até lenha são as mulheres que cortam. E olha que cortar lenha é um serviço

pesado! Homem não corta, não busca, deixa tudo por conta da mulher. Ela trabalha na roça e tem que fazer todo o serviço da casa, mais rachar lenha e carregar pra cozinha. A rotina da maioria das mulheres é assim: levantam cedo, fazem marmitta, vão junto com o marido trabalhar na roça e, quando chegam em casa, continuam a trabalhar, enquanto o marido descansa. Na roça, trabalham o dia inteiro os dois juntos, o marido e a esposa. Mas, quando chega em casa, ela, sozinha, tem a cozinha pra arrumar, a janta pra fazer, menino pra dar banho, roupa pra lavar... E faz isso à noite, né? De madrugada. Os maridos chegam em casa, tomam um banho e vão ver televisão. Isso é muito comum por aqui. O trabalho doméstico não é dividido. Então, a mulher trabalha dobrado!

Apesar disso, os homens ainda falam que as mulheres não trabalham ou que elas apenas ajudam na lavoura... Pra eles, têm nome de trabalho as atividades que eles desenvolvem fora da casa e que geram produtos para venda. Porém, tudo o que dá condições para eles, produzirem e vender seus produtos, administrar a propriedade, que é o trabalho doméstico, os homens não acham que é trabalho. Além disso, marido e mulher vão pra roça, plantam o café, colhem o café e é considerado que a mulher só 'ajuda'? Quando se fala 'ajudar', dá a impressão de que o esforço feito por ela não é essencial, o que não é verdade. Essas palavras importam. E as mulheres estão tão acostumadas

a ser submissas, que, às vezes, trabalham até muito mais do que o homem, mesmo na roça, mas falam: '– eu ajudo ele'. E chegam ao ponto de pedir dinheiro pros maridos, porque consideram que o dinheiro é deles, embora eles não sejam os únicos a enfrentar a labuta na roça. É reconhecido assim: o trabalho da lavoura é do homem e é o trabalho que dá dinheiro e o trabalho da mulher é o de casa que não é considerado trabalho.

Acho que só pude educar meus filhos de um jeito diferente e dividir com meu marido tanto as tarefas como o dinheiro da família, porque sempre meus pais me ensinaram a colaborar em casa e a ser independente. E porque eu já participava de muitas reuniões e encontros desde antes do sindicato. O trabalho na Igreja, nas Comunidades Eclesiais de Base, junto com a minha mãe, abriu minha cabeça para essas questões. Então, acho estranho que, na maioria das casas, não tenha a mesma cooperação."

A Eliete falou muito bem sobre essa situação do trabalho da mulher em casa e na roça. Você acha que isso é uma coisa natural, normal? É preciso conversar sobre esse assunto, porque é algo muito injusto! Será que as pessoas acham que mulher é feita de "material" diferente dos homens? Que elas não se cansam? Você não acha estranho filhos e maridos verem as mulheres da família na labuta, sem descanso, e nem

se darem conta que as tarefas da casa também são responsabilidade deles?

A família da Eliete é um tanto diferente, de um jeito que outras famílias deveriam ser também. Ser companheiro e ajudar em qualquer tarefa para que todos estejam bem, hoje, parece estranho, mas, no futuro, será o objetivo de todos. Ou vai ter que ser, porque as mulheres não vão aceitar isso para sempre. E, assim, todos serão pessoas melhores e vão conseguir realizar mais coisas.

10

Chega mais longe quem trabalha junto!





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Marias que lutam!

Vera Lgia Costa Westin
Clarissa Nascimento Duarte



Marias que lutam!

Vera Lúcia Costa Westin
Clarissa Nascimento Duarte

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Existem algumas coisas na vida que a gente se acostuma e acha que são o “normal”, que têm que ser assim mesmo. Mas será que, do jeito que estão, elas são justas e boas para todos? Um exemplo disso é a realidade das mulheres do campo.

A vida que elas levam é sempre de muito trabalho, na lavoura e dentro de casa. Mesmo assim, poucas conseguem pôr a mão no dinheiro que esse trabalho rende. E olhe que quase todas trabalham junto com os maridos nas plantações! Até a renda da venda das quitandas e dos queijos que elas fazem, dos ovos das galinhas e das verduras das hortas, que são elas que cuidam, quase nunca é delas. Por que será? Algumas dessas mulheres nos contam sobre essa realidade.

A Dona Zinha, uma agricultora que coordena um grupo de mulheres no assentamento onde mora, conta: “Botei a minha renda na mão do meu marido, por trinta e tantos anos! Tudo o que eu fazia era posto por mim na mão dele!” E ela também fala que as mulheres do campo raramente têm voz ativa pra decidir o que vai ser feito na casa e nas lavouras e que esse modo de fazer foi passado para elas como uma

Submissão é quando você está em uma situação em que se deve obedecer.

6

coisa que devia ser sempre assim, pois a mulher não seria capaz. "Isso vem da própria família. Então, isso vai tirando da gente a capacidade de fazer, de fazer acontecer, de buscar". Dona Lúcia fala que sua mãe "tem uma agonia dentro dela. Ela tem vontade de fazer tanta coisa e ela não se acha capaz". Em sua opinião, sua mãe não tem autonomia para decidir, acostumou a aceitar só o que o pai e depois o marido falavam, achando que esse é o lugar que ela devia ocupar, o lugar de submissão. Renata, que está no movimento de mulheres há alguns anos, também conta que já viu maridos que fazem crescer esse sentimento de não ser capaz, com palavras humilhantes: "Você é burra! Não aprende nada!".

Mas essa é uma situação que pode mudar? E como poderia mudar?

Ouvimos sempre falar de movimentos sociais: Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e muitos outros, dentre eles, movimentos de mulheres. Os movimentos sociais são uma reunião de pessoas que têm os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e começam a conversar sobre eles e buscar soluções coletivas.

Eles fazem encontros, caminhadas, acampamentos nos lugares públicos onde ficam os governantes e os deputados, reivindicando que o governo faça alguma coisa para resolver esses problemas. Fazer alguma coisa, quando se fala em governo, significa elaborar e implementar políticas públicas, programas e ações, o que geralmente só acontece se a gente se movimentar e brigar por isso. Nas comunidades do campo não é diferente: formam-se movimentos com diferentes nomes, mas com o mesmo objetivo. Geralmente, existe alguma instituição que estimula e apoia esses movimentos: ONG, igrejas, sindicatos.

Os movimentos de mulheres, em especial, têm o objetivo de melhorar as condições de vida das mulheres no trabalho, na família etc., mostrando que elas têm direitos e não precisam ser submissas a pais e maridos. Então, quando os movimentos de mulheres chegam às comunidades, com formação de grupos de discussão, cursos e seminários, as mulheres são convidadas a participar das reuniões, a formar grupos sobre diversos assuntos. Mas muitas não aceitam o convite, ou seus maridos não permitem que elas o façam.

Organizações Não Governamentais (ONG) são aquelas que oferecem vários serviços em diferentes áreas sociais, como saúde e educação, sem ter como objetivo lucrar.

7

Eliete, uma agricultora que é coordenadora de sindicato e participa muito dos movimentos, conta que, a toda hora, ela sabe de vizinhas da comunidade que têm que pedir para poder sair, que têm que pedir dinheiro para passagem se as reuniões são na cidade ou em outras comunidades. Às vezes, então, elas têm até vontade de ir, mas já não querem nem perguntar em casa. “Elas estão muito ‘pode, não pode’, como se fossem criancinhas. Hoje, nem muitas crianças estão assim mais...” Renata também conta que há os maridos que não deixam as mulheres participarem. E Dona Zinha, hoje, não aceita mais a submissão: “Eu não consigo concordar com isso aí de jeito nenhum! Eu acho que a mulher tem que ter a autonomia dela! Esse negócio de ter marido pra mandar, pra fazer o que quer com o dinheiro da mulher e a mulher não fazer nada... Isso pra mim não é marido não! Marido pra mim é outra coisa...”.

Algo muito importante que as mulheres falam é que, nas reuniões dos movimentos, elas têm oportunidade de conhecer o novo e de trocar ideias sobre as dificuldades que vivem. As que não tiveram como estudar querem ser alfabetizadas ou completar os estudos. Muitas tiveram que sair da escola, porque tinham que ajudar na roça ou porque, quando eram

crianças, não tinham nem escola perto de casa nem transporte escolar. Dona Elizabeth conta como a sua participação foi importante. “Esse encontro de grupo, esse intercâmbio, ajudou a mulher a resgatar a autoestima, a aprender coisas. A gente sente assim: Nossa! Eu também sou capaz! Às vezes, a gente fica lá no cantinho da gente só falando: Fulano sabe tanta coisa e eu não sou capaz de nada, não sei nada. Mas isso está ali guardado, dentro da gente. E, de repente, a participação ajudou a gente demais, muito mesmo. Não só por causa de oficinas que a gente fez, mas pra gente reunir, discutir, falar, sobre muitas coisas”.

Participar para conhecer, aprender e mudar! Se existe o machismo, a submissão, então, é só você tendo conhecimento que você consegue se libertar, como diz a Eliete: “Você tem que participar pra você conhecer, porque não tem como eu passar o meu conhecimento pra você, não é verdade? Porque conhecimento é uma coisa que você adquire dia a dia. É dia após o outro. E, se não participa, não aprende e, aí, não se liberta”. Não se liberta desse sentimento de não ser capaz, desse costume de o homem mandar e a mulher obedecer, de o serviço de casa ser só coisa das mulheres, de achar que o trabalho da mulher é uma “ajuda”.

Machismo é um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher.

Dona Zinha voltou para a escola, quando os filhos já estavam criados. Desde criança ficou o desejo de continuar estudando, depois que seu pai falou que ela tinha que deixar a escola porque precisava ajudá-lo na lavoura. E ela diz que essa volta à escola foi o que provocou "esse gostar de comunicar... participar. Foi depois que eu vim pro assentamento onde moro e que eu comecei no grupo. Numa reunião foi que surgiu o sonho das mulheres de trabalhar junto, de ter um grupo. Eu vejo, assim, o valor da gente ser grupo e conseguir pelo menos conversar, estar provocando isso nas mulheres. Então, eu vejo que elas estão desenvolvendo, abrindo os olhos. É por isso que eu sou apaixonada com esse negócio aí de movimento, de juntar as pessoas."

Dona Lúcia reforça essa ideia de união e participação para conhecer e transformar: "Então eu acho que as mulheres do campo, elas precisam se unir mais e buscar o espaço delas. Uma ser companhia e companheira da outra pra buscar o espaço. Buscar aprender sempre. Eu acho que isso também faz parte da nossa vida. De entender que a nossa vida é um processo do cotidiano, assim, do dia a dia. E que tudo deve servir de aprendizagem". E aquelas que

participam já começam a mostrar para as outras que as coisas podem ser diferentes, se as mulheres se mexerem desse lugar de acomodação.

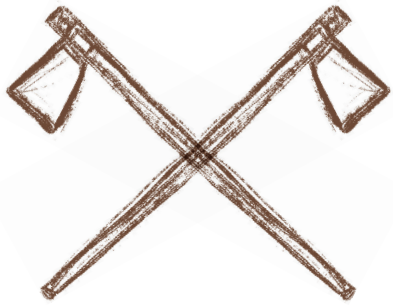
A participação nos movimentos traz também conhecimentos sobre a importância de conhecer alternativas de plantio. Eliete revela: "Meu sonho é que a gente consiga avançar cada vez mais na agroecologia. A participação nos movimentos transforma a gente todo dia. Porque cada coisa que participa, cada encontro que vai, é uma mudança que a gente tem, não é? Quanto mais você aprende, mais você muda!". Renata já observou que quando as mulheres participam ativamente das reuniões e encontros, até o vínculo em casa melhora. A participação traz novidades que elas levam pra casa. "Não é só vir e bater papo. Elas levam uma experiência. A gente visita propriedades. É experiência de plantação, de mudas. Sempre leva uma semente pra poder plantar em casa. É conhecimento, aprendizado."

E a reação dos maridos acaba sendo de aceitar as mudanças, na maioria das vezes, mesmo que não gostem muito. Renata conta de um homem que assim

falou da sua mulher: "Você está muito mudada!". E ela respondeu: "Sim, mudei. Não tem boba aqui mais não!". Na verdade, Renata conclui que, quando as mulheres mudam o modo de agir, muda a vida da família para melhor. Melhora o diálogo, porque, nos programas de formação, sempre se fala que a família tem que ter diálogo. Então, eles têm que planejar as vendas, tudo tem que ser junto com a família. E, aí, as mulheres também aprenderam com jeitinho a lidar com essas resistências dos maridos. D. Zinha aprendeu que o dinheiro do trabalho que ela faz é dela. Mas seu marido resiste até hoje. Ela agradece a Deus e ao movimento de mulheres por ter conhecido outro modo de viver. E ela já entendeu que as crianças e jovens também precisam ter a oportunidade de conhecer esse outro lado. Como a Abgair, filha da Eliete, que já faz parte de um grupo de jovens e até já foi a um encontro nacional da juventude do campo em Recife. Dona Zinha, então, pensa em formar um grupo de meninas na comunidade onde mora para começar a discutir esses assuntos. O recado que ela quer deixar para essas mulheres e meninas é continuar na luta, porque vale a pena ser mulher do campo. "Vale a pena acreditar no que faz e ser capaz! Essa é a minha luta, esse é o meu desafio: deixar isso bem plantado no

coração dos filhos. E o que eu deixar aqui, servir pra eles de um exemplo".

Dona Zinha, Lúcia, Renata, Eliete, dona Elizabeth são apenas exemplos das muitas "Marias" que vivem e trabalham na zona rural e que lutam para criar uma nova realidade. É Dona Zinha quem resume o que os movimentos e a união das mulheres pode fazer por elas "Como o movimento transformou a gente! Muito mesmo, nossa! Uma transformação que vem de dentro e ninguém arranca isso mais. De jeito nenhum! Vem de dentro e transforma a cada dia".





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Um recado para os jovens do campo

Mariana Patrus Ananias de Souza Brandão
Thaís de Freitas Valério



Um recado para os jovens do campo

Mariana Patrus Ananias de Souza Brandão
Thaís de Freitas Valério

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Ei! Meu nome é Maria Madalena, mas pode me chamar de Tia Nenzinha. Vim lhe contar um pouco da minha história. Eu nasci em Montes Claros, há 63 anos, em um lugar chamado "Comunidade Abóboras", onde moro até hoje. Aqui, todo mundo é amigo, todo mundo se ajuda e vive muito feliz!

Desde que eu me entendo por gente, desde os oito anos de idade, trabalho com a terra. Sempre vivi na zona rural, aprendi a lidar com a terra com minha mãe e meus avós. Meu avô nos levava pra roça. Nunca me esqueço dele ajoelhado nos ensinando como tínhamos que fazer. Naquele tempo, a gente plantava arroz e não podíamos limpar o pé do arroz com a enxada, tínhamos que limpar com a mão. Eu lembro que ele ficava olhando nossas mãos na hora que a gente chegava da roça pra ver se a gente estava fazendo do jeito que ele mandou.

Hoje, eu produzo de tudo de horta. É abóbora, é banana, é milho, feijão, cana, hortaliça. Hortaliça é variedade mesmo. Alface, cebolinha, couve. Eu vendo pouco, porque eu não planto muita quantidade. Eu vendo três vezes por semana, entrego

no supermercado e no restaurante. O meu dia de trabalho é bom demais! Eu gosto de levantar cedo, tratar dos animais, cuidar da horta. Eu acho que se eu parar de fazer isso, eu adoço... Quando eu vou pra Montes Claros, fico doidinha pra vir embora. As meninas, para quem eu entrego as folhas lá no supermercado, ontem mesmo me falaram assim: – Ô tia, por que a senhora não para, só fica desse jeito, pra lá e pra cá assim? E eu falo: – Se eu parar, eu adoço. É o meu dia a dia e é bom.

Eu tenho um amor muito grande pela terra. E acho que é uma vida digna. É muito bom ter aquela certeza de que a gente está servindo uma alimentação saudável. Às vezes, as pessoas falam: – Morar na roça é muito difícil, né?

Mas não é, as pessoas é que pensam. As pessoas que não conhecem, acham que é difícil, mas não é. Eu acho que a vida aqui é muito mais saudável, é uma vida muito mais tranquila que na cidade. O dia a dia da gente é viver isso: é levantar de manhã, tratar de um porco, tratar de uma galinha, tratar de uma vaca, ir pra horta, molhar a horta, limpar, plantar.

Tem coisa melhor?

Eu trabalhei por certo tempo em um programa do governo chamado “Saberes da Terra”, que é um programa muito bom que trabalha com jovem, ensinando a juventude a trabalhar com a terra. Eles ficavam quinze dias lá e quinze dias na comunidade e a gente acompanhava o trabalho deles, fazíamos visitas e isso ensinou muito a gente e ajudou muito a juventude. Ele existe ainda em outras regiões, mas aqui acabou, uma pena.

Lá no “Saberes da Terra”, eu encontrava com jovens sempre e certo dia uma das jovens participantes do programa, chamada Luana, perguntou-me:

– Tia Nenzinha, por que a gente deve aprender a lidar com a terra, se a vida boa está na cidade?

O Vandinho, que também participava, reforçou:

– É verdade! Eu ouço dizer que é na cidade que tem trabalho!

Eu então respondi:

– O compromisso com a terra é um trabalho muito valioso. A gente tem que cuidar da terra, para que quando vocês tiverem a minha idade, vocês possam sobreviver!

Os jovens não se deram por satisfeitos e seus rostos mostravam que não concordavam com aquilo.

– Assim, tia, a gente gosta do campo e de aprender a lidar com a terra como estamos fazendo aqui, mas uma coisa que me pergunto sempre é: se as oportunidades estão na cidade, nós não deveríamos nos formar e ir para lá? – interveio Carlinhos.

Logo eu percebi que os jovens não querem ficar no campo, eles querem ir para a cidade. Imagine só o que será do mundo se o campo não existir mais? Se não tiver quem produza o alimento saudável, quem plante, quem molhe, quem cuide dos animais? Fiquei muito preocupada, pensando na incerteza que seria o futuro sem quem valorize e cuide da terra e senti que eu precisava dar um recado muito sério para a juventude. Então eu disse:

– Sei que muitos de vocês não levam a sério o que nós, mais velhos, falamos, e dizem: Esses velhos não sabem de nada. Onde que esses velhos estão com a cabeça? Não sai nada não. Isso é coisa do passado. Mas a coisa do passado que nós temos hoje é o que está nos segurando, não é? Eu acho que vocês jovens têm que se preocupar em ter um pedacinho de terra. Não precisa ser terra grandona, mas vocês precisam ter essa preocupação, correr atrás dos seus direitos. Estudar, se formar e valorizar o pedacinho de terra que tem. A terra dá a comida, o remédio, cuida da gente e dos animais. Como vai ser o futuro sem quem cuide dela?

– É verdade, tia, imagina só se não tiver mais gente como você, que planta, rega, cuida, alimenta... O mundo vai acabar! Não vai ter mais planta que cura, mais comida no prato, mais animais. Mas... aqui no campo a vida é tão difícil, né? – opinou Vandinho.

Engajada em mostrar para eles o valor da vida no campo, respondi:

– Eu acho que a vida aqui é muito mais saudável, é uma vida muito mais tranquila do que a da cidade. As pessoas de lá já são adaptadas, mas a gente não. O

trabalho na terra dá dignidade à pessoa. A gente vive mais à vontade, tem alimentação mais saudável, a saúde é melhor. Se nós cuidarmos bem da terra, ela nos devolve aquilo que precisamos de fertilidade. A terra é a nossa mãe. Sem ela nós não temos condição de vida.

10 – Isso é verdade – concordou Luana – lá na cidade a vida não tem tanta qualidade como aqui. Na cidade grande não conseguimos pisar na terra. Você queima o pé no asfalto. E a saúde da terra é transmitida para nós através dos pés. A gente pisa na terra, pisa nela. Então ela transmite essa fertilidade e a gente tem uma vida mais digna, mais saudável.

– Imagine só, não dar conta de andar descalço? Credo! Aqui não. Eu levanto cedo e rodo o trecho é descalço. Eu não tenho piso, por mais que esteja quente – exclamou Léia, do fundo da sala.

– É, e eu vejo a felicidade de mãe e pai lá em casa, conseguindo ver a plantinha crescer. Isso motiva a gente demais, né? – completou Carlinhos.

Eu continuei explicando:

– Nós temos que ser preparados pra viver aqui. Eu acho que nossos jovens têm que ser preparados pra viver aqui. Porque, se vão pra cidade, vão depender de outras pessoas para produzirem e levarem os alimentos. Na cidade não se produz muito, não é? Às vezes, tem alguém que tem um quintalzinho, planta um pouquinho, outro planta um pouquinho. Mas lá não tem produção pra manter a cidade. Então, de onde vem? É do meio rural, é da terra, que é a nossa mãe. Por isso, temos que cuidar dela! Às vezes, as pessoas da cidade, quando veem o alimento na mesa, o arroz, o feijão, a alface, a cenoura, não lembram que foi a terra e o trabalhador do campo que permitiram que aquilo chegasse ali, não é mesmo? Então a juventude tem que se preocupar com isso.

Provoquei a turma com a seguinte pergunta:

– De onde vem o leite?

– Ora, tia, da vaca! – gritou Luana.

– E as frutas?

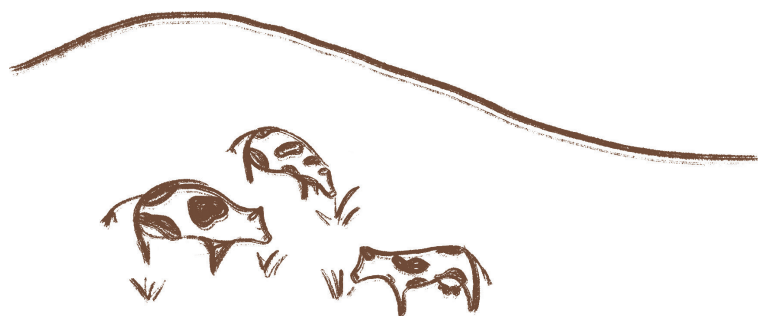
– Do quintal! – responderam em coro.

– E o arroz?

– Uai, do pé, tia! – disse Vandinho.

– Pois bem – ponderei – sem valorizar a terra, muitos acham que o alimento já vem pronto. Mas como vocês bem disseram, o leite não vem da caixinha, o arroz não vem do saquinho e as frutas não vêm do sacolão! É daqui da roça que sai tudo isso. E se não tem quem cuide da terra para produzir o que chega à cidade, como vai ter leite, arroz e frutas? Porque tudo que a gente come vem da terra! É por isso que jovens assim como vocês precisam amar a roça.

– Viver na terra é a melhor coisa! – exclamou Luana.



Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos



Maria Clara tem sede de conhecimento!

Marina Coimbra Ferreira Batista



Maria Clara tem sede de conhecimento!

Marina Coimbra Ferreira Batista

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Esta história é a história de uma menina muito especial, chamada Maria Clara.

Ela vivia na roça em uma cidade do interior de Minas Gerais, com seus pais e seus dois irmãos. Seus pais eram muito trabalhadores e tinham prazer em cultivar comidas saudáveis para a família e para vender o que sobrasse. Os três filhos, desde pequenos, ajudavam os pais em uma ou outra tarefa: dar de comer às galinhas, apanhar folhas de couve para o almoço, adubar a terra para plantar... E eles gostavam daquilo. Principalmente, Maria Clara.

Como já disse, essa menina era muito especial. Nas férias, ia para a casa da tia, na cidade grande. Mas ela não se encantava com a vida lá: achava aquilo tudo muito cinza, muito perigoso e muito impessoal. Gostava de ser livre: nadar no lago, brincar com o barro e se sujar, gostava mesmo era do verde, dos animais, de ver a comida, que ela tinha ajudado a plantar com tanto carinho, brotando do chão. Videogames e *shopping centers* eram legais também, mas quando estava na cidade grande, algo simplesmente faltava no coração daquela garotinha.

Maria Clara gostava muito de estudar também. Mas, aos 9 anos, ela teve que mudar de escola. A escola que era bem pertinho de casa, na roça, foi fechada. Então, todos os alunos de lá tiveram que se mudar para a escola da cidade.

Agora, em vez de demorar vinte minutos para chegar à escola, Maria Clara tinha que acordar cedinho, por volta de 5h da manhã para se arrumar e esperar o transporte levá-la pra cidade. Ah, o transporte... Tinha que rezar para o ônibus não quebrar! Porque, se quebrasse, demorava a consertar e ela ficava sem poder estudar! E aquela menina queria estudar, tinha sede de conhecimento! Seus pais, olhando aquilo, tentavam levá-la pra escola de charrete, de carrinho de mão, do jeito que desse. Mas era difícil, eles tinham que trabalhar também...

Foram reclamar pro Senhor Prefeito. *"Isso não está certo não. Meus filhos estão ficando sem aula e sem aprender, porque o ônibus quebra sempre. Os alunos da cidade estão passando na frente deles, mas isso é culpa do transporte que não funciona pros meninos da roça. Meus filhos querem estudar, seu Prefeito, como faz?"*. O prefeito foi, então, falar com a diretora

daquela escola. A diretora decidiu colocar os alunos que eram do campo em uma sala separada dos alunos da cidade. Ela disse pro Senhor Prefeito: *"Se esses meninos ficarem sem ir à escola, por causa do ônibus, terão as aulas depois, nas férias mesmo. E os alunos da cidade não ficarão prejudicados. Porque os alunos do campo estão atrasando os meninos da cidade, porque eles não aprendem porque não vêm nas aulas"*. O prefeito concordou.

Aí, eles montaram a sala dos meninos do campo. Tinham alunos de todas as idades: 5, 8, 10 anos, tudo na mesma sala, aprendendo a mesma coisa. Além disso, os meninos da cidade faziam brincadeiras de mau gosto com os meninos do campo: *"Olha lá, aquela menina, ela é da roça. Não deve nem saber mexer em um celular. Ainda bem que não está mais na nossa sala."*. Os professores também não ajudavam... Viviam fazendo comentários desnecessários sobre os meninos do campo.

Um dia, um menino da roça estava fazendo bagunça na aula e o professor de português falou: *"Você tá fazendo bagunça? Para de vir para a escola! É melhor você voltar para o campo, pra trabalhar com seus*

pais!". Maria Clara ficou muito infeliz com aquilo... "Onde já se viu, eles tratarem a gente assim só porque a gente mora no campo? Eu sei tanto quanto eles, tenho tanta capacidade quanto eles!". Chegando em casa, ela contou pra sua mãe o que o professor tinha falado. Sua mãe então disse: "Filha, não é vergonha nenhuma trabalhar na roça. Seu professor disse isso, mas ele esqueceu que a comida que ele almoça, que o leite que ele bebe, até mesmo o bolo que ele compra na padaria, isso tudo só é feito porque tem pessoas como nós que cultivam essas coisas, pro pessoal lá da cidade poder comer. Se o campo não planta, a cidade não janta, filha!".

Foi aí que Maria Clara decidiu que queria viver no campo para sempre. Mesmo com os professores falando: *"Vocês têm que ser engenheiros, médicos, têm que fazer alguma faculdade e ir pra cidade!".* Maria Clara queria sim fazer faculdade, mas não queria sair da roça. Queria viver ali, queria plantar, queria cuidar da natureza. Maria Clara era do campo e tinha orgulho disso. Mas ela sentia que, naquela escola, ela não era valorizada. Nem seus amigos do campo, nem seus irmãos.

Então, Maria Clara viu que essa situação não podia continuar assim. Foi quando ela teve a ideia de escrever uma carta para o Prefeito. Contou todo o sofrimento e preconceito que ela e seus amigos passavam na escola da cidade e disse que ela era muito mais feliz quando estudava na roça. Pediu para o prefeito ajudar, porque ela e seus amigos não estavam felizes na escola. Ela mostrou a carta pros colegas e todos assinaram a carta. Os pais dos alunos do campo também assinaram. Levaram para o prefeito e foram protestar na porta da prefeitura.

O prefeito leu a carta. Um tempo depois, ele anunciou que iria reativar e melhorar a escola que tinha na comunidade, lá na roça. Reuniu com os pais, com os vereadores, com os alunos também. E ouviu todos eles para saber como eles queriam que essa escola fosse. E aí eles falaram que queriam não apenas uma educação na zona rural, que queriam a Educação do Campo.

O prefeito nunca tinha ouvido falar naquilo. *"O que é Educação do Campo? Qual a diferença da escola da cidade?".* Aí, o pessoal explicou o que era. *"Nós queremos uma educação que valorize nosso modo de vida. Uma educação que ensine a matemática, mas*

que mostre pra que serve aquilo. Que mostre como a matemática vai me ajudar a calcular o dinheiro que eu ganho com a venda das verduras e que mostre que a biologia vai me ajudar a ver o que os animais precisam comer, quais são suas necessidades. Queremos um ensino de história que mostre a luta de todos os nossos antepassados pela terra. Um ensino de química que mostre quais os elementos da tabela periódica estão nos alimentos que a gente planta na roça. Queremos uma educação que nos incentive e nos motive!”

A escola foi montada. Professores que entendem da realidade do campo foram contratados. Eles planejaram a aula junto com os pais e os alunos. Os materiais didáticos foram adaptados para realidade daquela comunidade do campo. A partir de então, os alunos conseguiam ir à escola todos os dias. E o melhor de tudo: eles estavam felizes com o estudo que recebiam!

Nada disso teria acontecido se Maria Clara não tivesse tido a iniciativa de lutar pelos seus direitos. Ela é mesmo uma menina muito especial, muito corajosa e muito inteligente!





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

REDE MINAS

A história de Dona Alvarina e do quilombo Cachoeira dos Forros

Letícia Godinho de Souza



A história de Dona Alvarina e do quilombo Cachoeira dos Forros

Letícia Godinho de Souza

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Olá, eu sou o Max! Moro com minha avó Alvarina no Quilombo Cachoeira dos Forros, no interior de Minas Gerais, no município de Passatempo.

Moramos em uma casa construída pelos pais de minha avó, há muitos anos. A história da vó Alvarina é, em muitos aspectos, muito parecida com a história de seus irmãos e parentes. É, afinal, a história dos moradores do Quilombo Cachoeira dos Forros e por isso vou contá-la para vocês!

Nosso quilombo é banhado pelo Rio Pará e possui, hoje, pouco mais de duzentos moradores, quase todos familiares entre si, distribuídos em 80 famílias. Nossos bisavós e tetravós são oriundos de Serra Leoa, um país da costa ocidental da África, que foram escravizados e trazidos ao Brasil, há muitos séculos. Seus descendentes, alforriados, foram os primeiros de nossos ancestrais a ocupar as terras do quilombo, que pertenciam ao Padre Antônio Rodrigues da Costa. Na primeira metade do século XIX, ele doou a terra para três casais de negros forros e, por isso, o local foi batizado assim: Cachoeira dos Forros.

Vó Alvarina nasceu no ano de 1934, não no quilombo, mas em uma fazenda de café no sul do estado, para onde seu pai, sua mãe e outros moradores do quilombo iam todos os anos para trabalhar na colheita do café. Vó Alvarina mudou-se do quilombo algumas vezes ao longo da vida, em busca de melhores oportunidades para si e sua família. Se tivesse ficado no quilombo, teria trabalhado apenas na colheita, ou, como ela mesma chama, na “panha” de café, um trabalho muito árduo e sofrido.

Morou em vários lugares de Minas Gerais. Vó Alvarina trabalhou como empregada doméstica e também na roça: em plantação de arroz, em colheita de milho... mas, principalmente, na “panha” de café. Diz que apanhou muito café, ao longo da vida e foi esse seu último serviço por 17 anos seguidos até se aposentar no ano de 2006. Já idosa, aos 72 anos, parou de ir, porque o dono da fazenda disse que não mais precisava dela.

Por muito tempo, todos os anos, os moradores do quilombo iam para a “panha” de café. Durante quatro ou cinco meses, geralmente de abril a setembro, todas as famílias da comunidade juntavam suas

“tralhas” e colocavam na boleia do caminhão enviado pelo fazendeiro. Em cima das tralhas, acomodavam-se adultos, crianças, idosos, todo mundo. Levavam também animais, como porcos e galinhas, que iam lhes servir de alimento. Não sobravam nada nem ninguém no quilombo! Assim, por alguns meses, todos os anos, o quilombo ficava deserto. Iam de caminhão recentemente; antigamente, de carro de boi. E só voltavam quando acabava o período da colheita.

Na fazenda de café, as famílias eram alojadas em barracões. As mulheres, além de trabalharem na colheita, tinham que dar conta da arrumação dos cômodos, de preparar a comida, de buscar água para o banho das crianças.

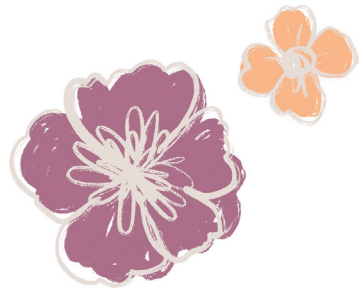
O trabalho na plantação começava cedo, por volta de 6h da manhã. Às 10h, paravam para almoçar. Ao meio-dia, era a hora do café. O trabalho terminava às 16h, quando todos voltavam para o alojamento. O trabalho acontecia, sobretudo debaixo do sol, e era feito por todos, inclusive pelas crianças maiores de oito anos. Era um trabalho muito sofrido!

A chamada “panha de café” era, ao mesmo tempo, uma tradição e uma “precisão” para o povo do Quilombo Cachoeira dos Forros, como vó Alvarina gosta de dizer. Uma tradição, porque seus ancestrais trabalharam nas fazendas de café do sul de Minas por mais de 70 anos! Uma “precisão”, ou seja, uma necessidade, porque sempre houve poucas oportunidades para os trabalhadores negros, mesmo depois da abolição da escravidão.



Você sabe por que sempre houve poucas oportunidades para os trabalhadores negros, mesmo depois da abolição da escravidão? Para entender essa parte da História, é importante entender o que são os quilombos e como se formaram.

Os quilombos eram principalmente localidades de refúgio de negros escravizados. A palavra “quilombo” tem origem Bantu – uma etnia africana – e significava originalmente “lugar de pouso”, “acampamento”. No Brasil, ganhou o significado de “acampamento guerreiro” ou “fortaleza”, indicando se tratar de local de resistência e luta. Significava também “união”. Assim, a palavra “quilombo” se refere às comunidades fundadas por negros escravizados, geralmente fugidos (mas não só), para resistirem ao sistema escravista e poderem viver juntos em liberdade. Seus habitantes são denominados “quilombolas”.





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio

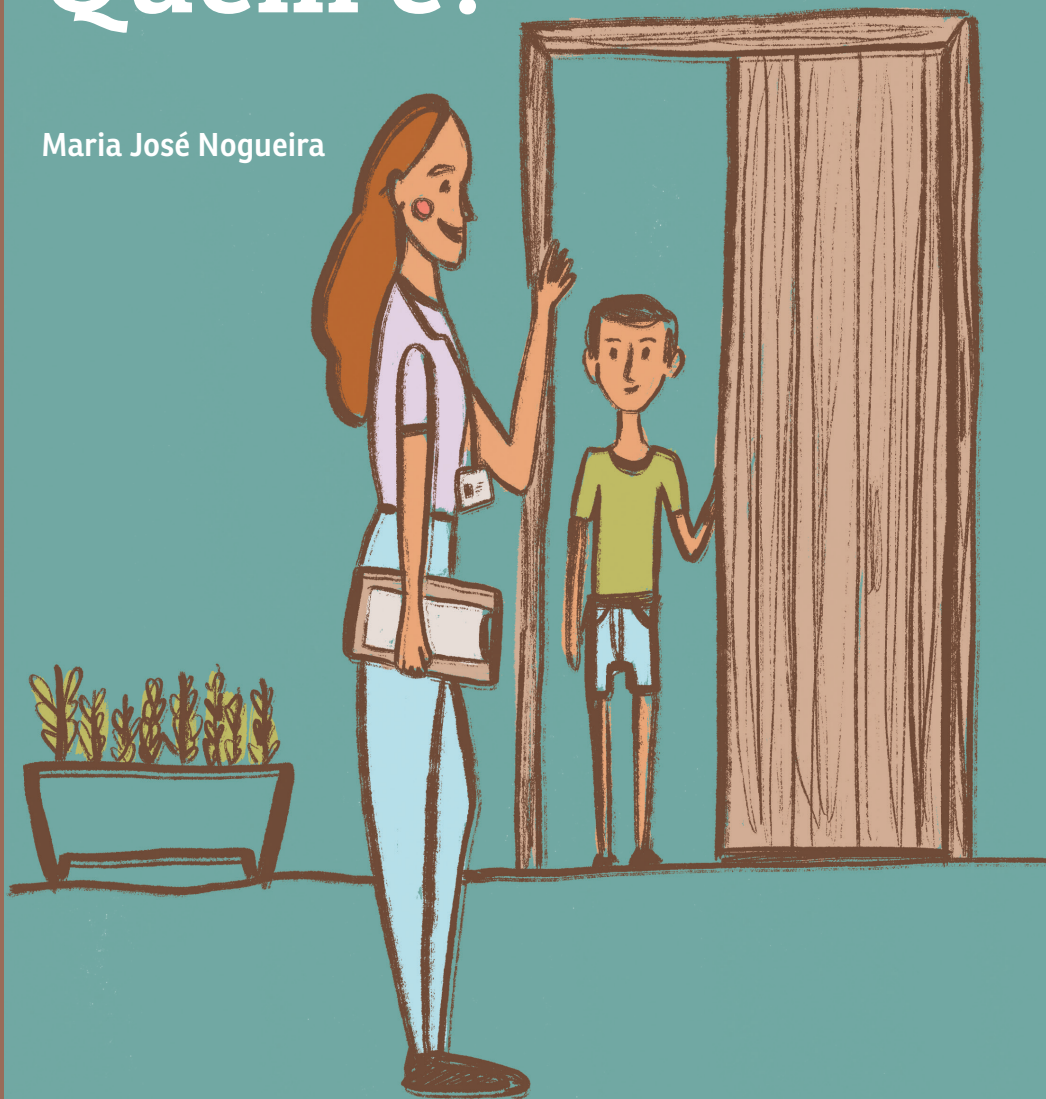


Produção vídeos

REDE MINAS

Toc, toc! Quem é?

Maria José Nogueira



Toc, toc! Quem é?

Maria José Nogueira

Letícia Naves | Ilustração

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES DO CAMPO DE MINAS GERAIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, DE LUTA E DE TRABALHO COM A TERRA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

BELO HORIZONTE | 2017

ISBN 978-85-85930-70-7

NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Toc, toc!

Samuel: – Quem é?

Ana: – Bom dia! Sou Ana, a Agente Comunitária de Saúde.

Samuel: – Agente Comunitária de Saúde? Ah, já sei! Você é a moça que a minha mãe sempre chama de “Menina do Posto”! Não sabia que você se chamava Ana! Eu sou o Samuel! ¹

Ana: – Isso mesmo. Trabalho no Posto de Saúde. Mas pode me chamar de Ana mesmo!

Samuel: – O que você quer, Ana? Minha mãe falou para não abrir a porta para estranhos!

Ana: – Kkkkk... Isso mesmo, Samuel. Você está certo, aqui está o meu crachá, assim fica ainda mais fácil me identificar.

¹*Menina do posto”, “Moça do postinho”, “Minha Agente” são formas comuns pelas quais são chamadas as Agentes Comunitária de Saúde ou ACS. Elas trabalham na Unidade Básica de Saúde (UBS), mais conhecida como Posto de Saúde que faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS).*

Samuel: – Hum... está bem, pode entrar!

Ana: – Você já foi ao posto, Samuel?

Samuel: Já! Acho que foi lá que tomei vacina. Teve uma vez que machuquei o dedo do pé e fiz curativo lá também. Mas, quando a minha amiga Diennifer teve crise de Diabetes aí o posto não deu jeito. Ele teve que ir pro hospital mesmo. Foi uma correria, pra levarem ela pra uma cidade maior. Ela ficou um bom tempo fora.

Logo chega Dona Lourdes.

Ana: – Bom dia, Dona Lourdes! Como tem passado? Estava conversando com seu neto Samuel, ele é uma graça!

Dona Lourdes: – Pois é, Ana, é nossa alegria!

Ana: – Tenho que olhar a carteira de vacinação dele e tenho que ver se sua receita do remédio de hipertensão está em dia!

Dona Lourdes: – Está tudo aqui.

Ana: – Que ótimo, está tudo em dia e certinho! Ah, fiquei sabendo que sua nora está grávida!

Dona Lourdes: – É verdade. Vem aqui, Rosa! A Rosa está preocupada com o Zika vírus!

Dona Lourdes: – O que é isso? Que monte de roupa! Acho que você está exagerando, Rosa!

Rosa: – É que já ouvi tanta coisa sobre essa doença que fico muito preocupada.

Ana: – É verdade. Você deve se proteger mesmo! Vou agendar a sua consulta de pré-natal, vá e aproveite para tirar suas dúvidas.

Rosa: – Está bem, Ana! Vou dar um jeito de ir à consulta sim! Já vou tentar arrumar um transporte desde já. Obrigada.

Ana: – Por falar nisso, vou aproveitar e dar uma olhadinha no quintal com o Samuel para verificar se não tem criadouros de mosquitos. Posso ir lá, Dona Lourdes?

Dona Lourdes: – Pode ir sim! Fique à vontade.

Ana: – Samuel, Samuel! Vamos comigo.

Ana: – Parece que está tudo certo por aqui. Caixa d'água e o reservatório estão tampados. Tem que prestar atenção nas plantas que acumulam água, como a Bromélia.

Samuel: – Ah! Tem um foco aqui! Veja esses pneus!

Ana: – Muito bem, Samuel! Onde você aprendeu sobre os focos?

Samuel: – Na escola, a professora deu uma aula sobre isso.

Ana: – Então você deve saber que devemos tampar esses pneus para não acumularem água. Também vou pedir ao Agente de Combate de Endemias (ACE) para vir aplicar o larvicida e inseticida².

Ana: – A sua horta está muito bonita, Dona Lourdes!

² O larvicida e inseticida é uma espécie de remédio para o mosquito não conseguir se reproduzir e não ter chances de picar você, alguém da sua família ou as pessoas que moram próximas.

Dona Lourdes: – Tudo sem agrotóxico e muito saudável! Quando alguém fica gripado, com alergia ou dor de barriga eu sempre faço chás com as ervas da horta. Sempre tenho uma receitinha. E as vizinhas sempre vêm aqui buscar ervas para as receitas delas. Quase nunca é fácil ir ao posto e conseguir remédios. Ainda mais em tempo de chuva com as estradas enlameadas. Aí a gente acostuma a recorrer primeiro às nossas receitas. Tem receita muita antiga, que passou de mãe para filha.

Ana: – Também já tomei esses chás! Aliás, a senhora sabia que os postos estão começando a recorrer à sabedoria das mulheres do campo pra promover as formas naturais de prevenção às doenças e recuperação da saúde?

Dona Lourdes: – Sabia não. Que interessante! Precisam conversar mais com as mulheres do campo mesmo...

Ana: – Vou indo, Dona Lourdes, pois ainda tenho duas visitas para fazer e tenho muito trabalho no Posto à tarde. Precisa de mais alguma coisa?

Dona Lourdes: – Não precisamos, obrigada!





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

